

LUÍS CARLOS LUCIANO

BETÂNIA



Dourados (MS)

2013

www.luiscarlosluciano.com.br

Ilustração da capa: Jorge Silva.

Ficha elaborada pela Biblioteca Central da Universidade Federal da Grande Dourados

B869.3085 Luciano, Luís Carlos.

L937b Betânia / Luís Carlos Luciano. Dourados, MS : L.C.

Luciano, 2013.

52 p.

ISBN 978-85-908270-2-3

1. Romance douradense.
 2. Literatura sul-mato-grossense.
- I. Título.
-

Um fusca e a Água Boa

Um fusca chega a um bairro em construção. Um casal desembarca. Década de 1980. Um enredo aparentemente fácil de ser seguido, conseguido e perseguido: um lugar, personagens e um tempo histórico. Não se enganem, não é fácil. A escrita exige do poeta, ao mesmo tempo, a inserção e a distância da realidade empírica: a inserção para a (re)apropriação dos elementos constitutivos da estrutura narrativa e a distância para tornar o de sempre aquilo que não é o mesmo, porém que funciona como representação.

Em *Betânia*, Luís Carlos Luciano seleciona um tempo de transição do ponto de vista histórico na vida deste Brasil: os anos 1980, com seus restos de ditadura e nesgas de luz rumo a um Estado democrático. Assim, uma visão política – entenda-se aqui como política uma categoria que une os cidadãos em torno de objetivos comuns, excluindo-se disso a classe política, o que é outra conversa – perpassa toda a narrativa a começar do começo (a redundância é proposital). Lúcio e Laura, dois jovens “latino-americanos sem dinheiro no banco” e afeitos a uma cultura de dissimulado protesto, como a letra de Belchior, chegam em seu fusca – para os mais novos, é o *new beatle* de hoje –, herança da eficácia técnica do totalitarismo nazi-alemão, a um bairro com casas financiadas pelo extinto BNH (Banco Nacional da Habitação), um projeto do governo militar para fazer brilhar aos olhos de milhões de brasileiros o oásis da casa própria (bem, não se pode negar que, em parte, o oásis deixou de ser miragem).

Nessa toada, o leitor acompanha o casal em meio ao cotidiano de uma cidade vermelha (aqui vale lembra a terra vermelha das terras da região de Dourados), próxima à

fronteira com o Paraguai, carregando alguns dos preconceitos oriundos da Guerra dos idos de 1870, tão presente na memória do povo e na narrativa de Luís Carlos. Os crimes se sucedem; os habitantes locais são *desconfiados*; os nós são (des)feitos lentamente e nesse transcurso tudo pode acontecer. E o amor entre Lúcio e Laura segue, (a)madurecendo, colhido a cada dia, a cada hora, sem apodrecer, apesar das ameaças.

A Água Boa alimenta a narrativa e o amor. A Água Boa corre pelas páginas, mantendo presa a atenção do leitor que só quer a fruição, mas também daquele que busca mais do que um texto escorrido, com uma história a ser entendida. Há uma “pegada” literária que não ofusca quaisquer leitores, suprimindo e aumentando sua sede de conhecer o mais difícil dos saberes: o saber ser humano.

Rosana Cristina Zanelatto Santos

*Docente de Literaturas de Língua Portuguesa na UFMS /
CNPq*

(em tempo: já morou em Dourados...)

I

Numa tarde atípica de inverno douradense, no dia 6 de julho de 1982, não se podia esperar outra coisa com o clima bagunçado: no lugar da temperatura amena ou frio imperava um calor de lascar. Cada glândula sudorípara suava loucamente.

Sob o Sol de estalar mamona um jovem casal aparecera na Rua Iracema, na última quadra perto do fundo de vale, indiferente aos olhares curiosos dos poucos vizinhos.

Não dava para definir aquilo como uma mudança. Tudo coubera dentro de um fusca branco.

Geladeira, armário, fogão, cama e outros móveis só chegaram ao segundo dia e ainda assim aos poucos, alguns objetos novos e outros de segunda mão. Pelo jeito a primeira noite eles dormiram no chão.

Ocuparam uma das casas novas do suburbano BNH 4º plano, recém-inaugurado naqueles dias, parte do loteamento da antiga Fazenda Água Boa.

A morada tinha apenas 50 m² de área construída e ainda assim sobrava espaço para dois.

Uma cena comum naquele tempo, ou seja, gente se mudando para o bairro com centenas de habitações fechadas.

Dava para notar que aquele jovem casal exalava núpcias. Eles deixavam transparecer isso na faceirice, na aparente simpatia, no jeito de se olharem e passarem pela rua, sempre de mãos dadas, no sorriso, ao cumprimentarem os vizinhos, enfim.

Não dava para saber qual seria alfa e qual seria beta.

Logo no primeiro dia se soubera seus nomes: Lúcio e Laura. Era fértil a coincidência da letra “L” estimulando a ideia de que um seria a cara metade do outro. Podia-se supor holisticamente que ela tinha uma coroa de folhas de louro e ele transcendia luz e certa sombra de preocupação.

Protagonizavam, quem sabe, uma novela de revista teen.

A vizinha do lado de baixo puxara conversa com a Laura logo no primeiro dia.

Mas, de alguma forma, eles despertavam certa curiosidade. A jovialidade, o estilo libertário, a conversa mansa e agradável, quem sabe algum segredo por trás daquelas almas supostamente inocentes e

despreocupadas, o comportamento romântico, a empatia, sabe-se lá mais o que irradiando energia positiva.

Nunca é bom guardar segredos...

Não tinham, aparentemente, uma visão quadrada do mundo. Jamais se consegue mudar o mundo. É justamente o contrário: ele que te muda.

Talvez fosse apenas uma impressão inicial, coisa à toa, uma pontinha de inveja ou olho gordo mesmo. O fato é que ali um segredo dificilmente era mantido por muito tempo. Havia olhos e ouvidos por todos os lados como na casa do *Big Brother Brasil* e se faltavam câmeras sobrava uma imaginação muito fértil, aguçada, fascinante e irresponsável às vezes.

Pode faltar instrução, mas não fantasia para os curiosos.

Lúcio e Laura, na verdade, pareciam comuns. Na maior parte do tempo levavam as coisas de maneira simples, irrefletida.

Latino-americanos sem dinheiro no banco, sem parentes importantes e interioranos, como na música de Belchior. Ou então, latino-americano que não tem cheiro e nem sabor, como na letra de Raul Seixas.

Ou seriam terra e espírito?

Não raramente há mais coisas esquisitas na sofisticação. Talvez esse olhar diferenciado dos vizinhos fosse alimentado pelo incontrolável interesse em saber mais sobre a vida alheia. Tudo o que acontecia de novo naquela rua era motivo de bisbilhotice, algo para quebrar a pálida monotonia do lugar. Afinal, a juventude é muito valorizada por quem não mais a tem.

Ali o mexerico era tido como natural e, dependendo do tema e das pessoas envolvidas, inofensivo. Mas as fofocas fervilhavam...

A bisbilhotice corra logo na primeira semana. Sem tardança souberam que o casal tinha teimado em morar junto para surpresa dos pais, como se isso fosse algo terrível. Davam importância para coisas irrelevantes.

Se alguém tivesse perguntado eles confirmariam a versão sem nenhum constrangimento ou cerimônia. Não tinham feito nada de errado.

Haviam namorado apenas dois meses e já tinham juntado os panos, corpos e almas.

Os pais foram avisados na véspera da mudança para a casa nova. Mas havia sim um motivo forte, aliás, fortíssimo: estavam

apaixonados. Se bem que a paixão pode vir rápida e escafeder-se na mesma velocidade.

Eles já vinham ajeitando as coisas em silêncio e não quiseram dar tempo ao tempo. A verdade tem vontade própria.

As boas chances aparecem raramente. Tempo desperdiçado é tempo perdido. Os poetas escrevem que a vida é uma brisa, um suspiro que se deve capturar... Há quem diga que primeiro deve se casar e o amor virá com o tempo, mas não era o caso desse jovem casal...

Não queriam seguir a tradição do noivado, troca de aliança, casamento religioso, festa, presentes, jogar buquê de flores, o corte de gravata em troca de dinheiro, arroz sobre os noivos e muito menos, como comentara a Laura, fadas como damas de honra, cada uma segurando a mão de um duende...

Nem tiveram dinheiro para o casório festivo. As reservas mal davam para mobiliar a casinha.

Deram um chute no protocolo.

Tinham fogo de amor e pronto.

Os familiares sabiam sobre a casa financiada pelo Lúcio, mas achavam que o namoro deveria se arrastar por mais tempo para se conhecerem melhor, para amadurecerem as relações. Não sabiam se os jovens dariam certo; de certa forma os pais da Laura desconfiavam das intenções do Lúcio. Não que tivesse jeito de aproveitador, mas a cara de paisagem e o estilo silencioso os deixavam em dúvida.

Imaginavam, pelo menos, que ambos tivessem mais juízo e seguissem a formalidade para manter a boa imagem familiar. Em suma: não sabiam que o amor fosse tão tórrido.

Não fizeram alarde para evitar conselhos inúteis.

Fora um casamento putativo ou pop.

Para a mãe do Lúcio o filho era muito moço e prejudicava a Laura. Mas quando pensou na possibilidade de netos se acalmara um pouco mais.

O pai da Laura, no dia em que recebera a notícia, vendo que não podia fazer nada para desencorajar os jovens, alertara o Lúcio sobre o jeito respondão da filha. Lúcio nem dera bola, embora fosse sentir isso na pele, ou melhor, nos ouvidos, mais tarde. Afinal, as mulheres podem tudo quando hábeis...

A filha havia tomado uma posição firme e era maior de idade, dona de si. A mãe dela chorara num misto de dúvida e inquietação.

Lúcio se comportara da mesma forma diante da mãe. Eram donos do próprio nariz e essa era uma riqueza naquele momento, além do forte amor.

O casal não quisera causar desgosto, porém, não abrira mão da independência. O amor, como diz o poeta, é um fardo, um veneno, ninguém, em sã consciência, deveria se apaixonar. Mas como evitá-lo? O amor dá asas e quem ama precisa simplesmente voar. Não se explica facilmente algo tão profundo e perturbador.

Ela parecia ter mais cérebro do que coração e ele mais coração do que cérebro...

Não se deve por a mão no fogo por ninguém, mas pelo lado dos bons predicados Lúcio se dizia um dinamarquês não albino, um bom rapaz simplório de poucas palavras, excêntrico, mas longe de se achar um galã. Magro, intuitivo, estatura mediana, riso fácil, cabelos ondulados e escuros. Às vezes ingênuo e brincalhão, pois, ninguém é perfeito. Não batia preso sem estopa.

Mas ninguém é imparcial quando fala de si...

A humildade é uma qualidade mais comum entre os incomuns...

Laura era *aisó*¹. Cabelos negros pouco abaixo dos ombros, pele parda, olhos penetrantes, boca pequena, inteligente, carinhosa, rosto fronteiro, sorriso cativante e maroto. Não era alta, um pouco mais baixa que o Lúcio.

As mulheres são criaturas generosas, mas há exceções... Nem é preciso lembrar um detalhe: em regra elas costumam ser possessivas e todo homem meio alongado...

Laura podia muito bem, se provocada, fazer o tipo de uma Yoko Ono que conseguiu acabar com os Beatles. A gentileza, às vezes, cedia espaço para o arrebatamento.

Quando oportuno ela se sobrepunha usando como armas a simplicidade, a sutileza e a astúcia, além de fortes argumentos.

Havia mais virtudes do que defeitos naquele casal. Enfim, duas almas novas... Duas criaturas de Deus na flor dos 20 e poucos anos, tipo adultos emergentes...

O amor é um campo de batalha, mas eles estavam em paz.

Com ausência de amor o homem murcha como uva em videira seca...

¹ Formosa, na Língua Tupi.

Eles sabiam muito bem o que queriam. Lúcio tivera outras namoradas, mas nenhuma paixão como a Laura.

Laura falava pouco sobre o passado, mas havia tido seus namoricos, embora, segundo ela, nenhum príncipe encantando ou sapo gentil como o Lúcio.

Firmes, decididos e desafetados. Não tinham luxo. Cresceram sem privilégios, mas mantinham os pés no chão. Almejavam uma vida simples, equilibrada, em harmonia com o ego.

Não precisariam de muito para viver, pensavam. Não alimentavam o desejo de correr loucamente atrás do vil metal e nem de status.

Poderiam ser pouco espertos devido à falta de maior ambição por dinheiro e prestígio social, pois, eram escolados e tinham estilo.

Até nisso pensavam igual.

Abominavam a canalhice e o cinismo, pilares deploráveis que costumam levar ao enriquecimento a qualquer custo. Renegavam o porco imperialista.

Achavam que os bárbaros capitalistas desejavam que as pessoas pobres comessem porcarias achando que era caviar.

Todos devem trabalhar tendo-se um bom incentivo.

Não tinham vocação, graças a Deus, para a humilhação alheia, para a servidão, para a precariedade do trabalho, embora fossem vítimas como muita gente do modelo econômico vigente no País.

Surgiram comentários desagradáveis naqueles dias segundo os quais o casal teria coabitado durante o namoro, que Laura estaria grávida e isso explicaria a pressa do casamento, mas o primogênito nascera onze meses após terem ido morar juntos. Não havia nada além da forte paixão incorruptível em iniciar uma vida moça a dois.

Poderiam se dar sim ao luxo da escolha e deixar o coração falar mais alto. Se tivessem coabitado era um assunto da intimidade dos dois, apesar da língua felpuda e hipócrita se encarregar da fofoca.

Não estavam nem aí para o fuxico e isso até os divertia.

O que vem do coração cresce puro.

Eles tinham olhares recíprocos de amor, estavam ansiosos pela lua de mel, livres, radiantes e ardentes como dois colibris em céu anil, quem sabe sem medo do erro ou acerto, sem ninguém por perto para encher o picuí.

Ao que parecia, desejavam apenas extrair a essência daqueles momentos encantadores. Congelar aqueles instantes!

Muita felicidade pode até assustar e soar como um delírio, mas era visível o contentamento estampado na face daqueles dois, uma indiscutível compatibilidade, um carinho de causar inveja aos casais cuja relação havia esfriado e ficado amarga.

Talvez fosse uma união abençoada.

Quando o amor bate à porta é preciso deixá-lo entrar senão ele vai embora e nunca se sabe quando voltará ou se voltará...

Os dois cúmplices na paixão não ligavam a mínima para os ruídos sobre a vida íntima. Poderia até haver uma pitada de dissimulação, mas era forte a impressão de serem verdadeiros em seus sentimentos. Os demais que cuidassem de suas próprias vidas. Tinham, naqueles dias de paixão, acorrentado o conflito...

Se o amor machuca, poderiam até estar machucados, mas sem feridas ou dor aparentes; quem sabe estivessem anestesiados.

As alegrias simples são sagradas, mas nem todos se dão conta disso...

O coração quer o que o coração quer, ora bolas carambolas... É simples assim!

Sem dúvida uma paixão sem freios.

Numa tarde, durante uma partida de sinuca, Lúcio comentara ao amigo JS que não sabia o que teria feito para merecer a Laura.

Dissera alegremente:

- Respiro o ar moreno e ela, graciosa, fica tão bonita, tão doce quando sorri... Eu comeria uma bola de futebol por ela! É o meu docinho de coco queimado, é minha pombinha, minha linda – arrancando uma risada do JS.

Nunca havia amado uma mulher como aquela...

- Quando ela sorri, eu me sinto engraçado...

Era, por fim, a sua musa inspiradora.

Uma noite, na praça central, juntinhos como gomos de mexerica, Lúcio extraíra um soneto romântico-burlesco:

A Laurinha é minha

Moreninha e bonitinha

Anjinha, ervinha e frutinha

Reversa da fadinha

Deito em seu colo e fico com preguicinha

Minha florzinha doninha

Inha, inha, inha

*Uma sereiazinha
Adoro sua cor, seu cheiro
Seu joelho, seus ombros, sua balinha sem tempero
Além de seus beijos suspirar, melar e viajar
Mas se um dia ela não me ornar
Vou ficar tristonho, perdido, moído e finar
Num balaio de gatos mudos a doudivanar
Sem nunca mais miar!*

Lúcio e suas rimas...

E achava que um dia poderia se tornar poeta ou escritor...

Manifestação pura de um amor mais forte que o próprio amor...

Laura cuidava muito bem do jovem esposo, lavava suas roupas e cozinhava a comida preferida. Fazia o papel de dona-de-casa prendada. Recebia-o com beijos e abraços quando chegava do trabalho e acompanhava-o ao portão quando saía.

Para quem observava só podia concluir que ali estava um casal maravilhosamente cheio de vida.

Dane-se o estereótipo, mas era um amor platônico.

Apenas seguiam suas consciências.

Não apenas as mesmas iniciais no primeiro nome, mas tinham também as mesmas iniciais no segundo e no sobrenome. Como se não bastasse isso, eram do mesmo signo, do mesmo mês, ela fazia aniversário num dia e ele no dia seguinte. Havia, sem dúvida, algo mais do que uma conexão psíquica. Uma tríade de coincidências entre a água e a terra sob a regência da Lua!

Porém, antes do namoro chegar ao nível da paixão desenfreada, até esse episódio os vizinhos ficaram sabendo, Laura havia dado um “toco” em Lúcio, talvez se fazendo de difícil. Na primeira vez que ele a chamara para sair, no serviço dela, convidara-a para um baile no Clube Nipônico e ela aceitara, mas não aparecera na hora marcada.

Lúcio, decepcionado, então fora a uma cervejaria *point* e ali avistara a pretendida com algumas amigas na varanda; ainda na calçada cruzara os braços e ficara olhando-a em sinal de cobrança...

Laura quando o vira abriu um sorriso e fora ao seu encontro, se desculpando pelo atraso porque esperava pelas amigas, uma delas ainda por chegar, para irem juntas ao baile. Ela despediu-se delas e ambos foram então ao clube e pelo caminho já começaram a tocar os corpos, se agarrarem e se beijarem francesamente.

Após os metafóricos 60 mil volts de troca de calor, a explosão de hormônios, a mexerica de dois gomos não se desgrudou mais...

Lúcio, num momento de introspecção, havia dito ao JS que volta e meia uma pulga lhe incomodava atrás da orelha: um pensamento vago de algum ponto recôndito da consciência, talvez o foro do juízo, uma voz sutil, quase inaudível, sussurrante, lhe assoprava ao ouvido alertando que ele poderia ser cobrado mais tarde por ter se casado tão afoitamente sem conhecer bem a jovem...

Há quem entenda que não existem limites para os problemas que uma mulher possa criar ainda mais se estiver de mau humor...

- Mas, dane-se, o futuro a Deus pertence! Não existe ser humano sem defeitos e não há relação a dois sem conflitos... – concluíra.

Ele queria crer em algo extraordinário acontecendo.

Resolvera atirar-se no enlace, pois, quem não arrisca não pode almejar o sucesso. As pessoas se tornam aquilo que pensam...

O sentimento era impetuoso, mais forte que a razão. As promessas podem muito bem ir embora com o vento, mas os sentimentos são reais...

Ele achava que surgiriam, evidentemente, divergências como ocorrem com todos os casais, mas jurou se esforçar para não deixar azedar as relações ou corromper os sentimentos.

- Somos definitivamente almas gêmeas... – afirmara ao JS que, reticente, apenas sorria. O amigo preferira dar tempo ao tempo. Compreendia que a vida não é inteiramente boa e nem má, mas marcadas por escolhas certas ou erradas.

No mais, a boa sorte de um amigo é sempre uma benção.

O que dizer de um amor incondicional e, naquele momento, incorruptível? Os amigos mais sinceros torciam para que fossem felizes, mas não se pode prever o futuro... Nunca se pode...

Por mais que o amor fosse tórrido, não estavam presos a nenhum código medieval de fidelidade, mas a algo poderoso, mais intenso que a própria a consciência. Afinal, seria estar louco de amor ou ter amor à verdade?

Quando alguém se apaixona por outro alguém sempre àquele busca motivos para dizer que este fora a escolha certa.

Se a pessoa não se preocupa com ninguém ou com nada, essa pessoa deve se perguntar: estou viva?

A vida tende a melhorar com o casamento de amor... O que é a vida senão a percepção química do cérebro? Os olhos veem, e a química cerebral reage.

A poetisa portuguesa Florbela Espanca escrevera: “Quem disser que pode amar alguém durante a vida inteira é porque mente”.

Pois então, pelo jeito, Lúcio e Laura estavam se iniciando na mentira, nas doces ilusões e ninguém, a bem da verdade, tinha nada a ver com isso...

Até quando duraria aquele fogo era uma resposta que só o tempo daria.

Qual casal não tem orgulho de um começo celestial?

Era um momento mágico para eles, porém, cômico. Não foram forçados a se casar, embora seja praticamente impossível segurar um coração berrante e uma natureza românticamente impulsiva...

Afinal, o que é indispensável à felicidade?

Onde os sonhos vão morrer?

Talvez seja por causa desse espírito de encantamento que aquele casal aguçasse a imaginação de alguns vizinhos. Lógico que outras pessoas daquela mesma época também despertaram alguma atenção, mas Lúcio e Laura, engraçado, tinham um colorido a mais. Ou tudo não passava de uma falsa impressão. A maioria das pessoas por ali aportara apática e permanecera assim.

O casamento no civil se deu poucos dias depois de terem ido morar juntos e levaram como testemunhas os pais da Laura. Havia gente do contra apostando que o casalzinho não aguentaria a primeira crise, que tudo não passaria de fogo de palha, mesmo porque os defeitos e manias não tinham ainda a florado...

Loucura de amor, ruína do cérebro e, assim, as diferenças ficaram para serem vistas mais tarde, bem depois...

Seria um risco que valeria a pena correr?

Até quando duraria a tolerância?

Faça também sua aposta, car@ leit@r!

Como ilustrara Machado de Assis em *Quincas Borba*, “(...) entre a espiga e a mão está o muro de que fala o poeta (...)”.²

Lúcio e Laura tinham um pensamento comum: era um tempo de revigoramento de ideias, responsabilidades e do compromisso a

² Citação contida no capítulo 57.

dois. Estavam determinados ao enfrentamento das disparidades seja lá de quem pudesse se opor aos votos deles.

Havia, entre eles, compatibilidade da epiderme.

Um dizia sofrer pelo outro.

Tinham paz de espírito.

Ou talvez estivessem meramente sobrevoando o amor...

Lúcio dizia que sua jovem esposa o fazia brilhar, se sentir bem e era o lado metade dele. Laura não deixava por menos. Havia afinidade de caráter, modos, gostos, da veia cômica, livros e do estilo musical. Havia mais motivos para darem certo do que errado.

Mas ele achava, tolamente, poder entender o coração de uma mulher. Tolinho, tolinho... Ainda ia se decepcionar bastante...

Não sabiam ao certo se estavam verdes, amarelos ou vermelhos para o amor. As cores simplesmente vibravam intensamente ao redor deles.

Lógico que estavam nas mãos do destino, pois, às vezes o coração pode ser o pior inimigo.

Era, na definição de Stendhal³, um amor-paixão.

“Não há amor possível sem a oportunidade dos sujeitos”.⁴

Há quem diga que os bons casamentos só são feitos no céu, mas, será mesmo? Estariam então no paraíso terrestre? Santa ilusão... Seria mais prudente entender a relação prematura como negligência e irresponsabilidade... Ou isso também seria irrelevante?

Laura tinha gênio forte, era ciumenta, mudava facilmente de humor, e fora criada numa família de seis irmãos. Era a segunda mais velha, portanto, estava mais preparada para a disputa do que o Lúcio, filho único. Não levava desaforo para casa e como quase todo ser humano tinha seus dias ruins e não fazia questão de se conter na presença de estranhos. Vomitava verbos quando se achava no direito.

Lúcio tinha, normalmente, paciência de monge e era tímido. Tirá-lo do sério era algo difícil. Fugia de bate-bocas inúteis e preferia ceder a ser agressivo. Auto compassivo e autoconfiante ao mesmo tempo, desordenado de vez em quando. Havia sido criado sem a

³ Para o escritor francês havia quatro tipos de amor: amor-físico, amor-gosto, amor- vaidade e amor-paixão.

⁴ Brás Cubas referindo-se a Virgília. Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, capítulo 56.

presença do pai que o abandonara junto com a mãe aos cinco anos, mas não conseguia imaginar o trauma ou não em sua personalidade por conta dessa abrupta separação. Condescendente, sensível, acostumou-se a enfrentar dificuldades sem se queixar muito. A calma, no entanto, havia se apoderado dele.

Ambos tiveram lares pobres, mas não miseráveis. Suas famílias eram probas e ambos tiveram a oportunidade de uma boa educação.

Quem sabe o jeito manso de um e o pavio curto da outra seria a química para o equilíbrio.

O amor é um estado de espírito esférico e escorregadio cujas saliências só os poetas podem enxergá-las ou ignorá-las...

O fato era que o jovem casal vivia agradecendo devotamente a Deus por aqueles momentos verdadeiros e marcantes em suas vidas.

Naquele início, numa noite relativamente fria, foram vistos na varanda dum mercado da vila.

Um conhecido parara e comentara:

- Só um casalzinho apaixonado poderia estar tomando cerveja e comendo coco numa noite fria assim...

@ leit@r pode achar frívolo, indelicado, insensível, vulgar e até infame a comparação, mas assim como algumas espécies mamíferas lambem as feridas e a cria recém-nascida, talvez um enamorado impetuoso possa, mesmo sob o risco de ser rotulado como um alienígena petulante, anormal e pervertido, “lamber” o seu amor com o mesmo instinto animal.

Lamber no sentido figurado, evidente. Cercar esse amor de cuidados e atenção seria a definição mais apropriada. Ou então para aquecer a sensualidade.

Somente um ser apaixonado consegue atribuir tempero, sabor imaterial e abstrato ao amor e, assim, poder obter, em estado de encantamento, as bênçãos de Afrodite⁵.

Não confundir, valha Deus, esse capricho da imaginação com promiscuidade ou tara! Se bem que @ leit@r é livre para fantasiar e estabelecer o fetiche que desejar...

O que importa é o respeito próprio.

Hipocrisia ou não, pieguice ou não, anacronismo sentimental ou não, meloso ou não, um monte de baboseira romântica ou não, fora mais ou menos assim o começo desse casal.

⁵ Deusa do amor, da beleza e da sexualidade na Mitologia Grega.

Corações exultantes, luxuosos de emoção.
Até parecia que tudo havia sido orquestrado.
Lúcio e Laura eram prisioneiros da paixão.

II

Aquela casinha adquirida pelo Lúcio, do tipo *Betânia*⁶, estava bastante empoeirada já que a rua era de terra.

Fora pintada com cal virgem ou outra tinta de baixa qualidade e o lote dividido apenas por arame liso interposto com balaústres.

Não havia nada de bonito no lugar a não ser o fato da casa ser própria, ou melhor, adquirida por intermédio do sistema financeiro habitacional para ser paga em suaves e longas prestações. A Rua Iracema naqueles idos, pelo menos a última quadra de baixo, não passava de um ambiente de pouca vida e certa tristeza. Havia mais bisbilhotice do que gente. Terra dura, vermelha.

Lúcio sentia na quietude do lugar uma sensação de vazio, uma tela incolor, indo e vindo ao sabor do vento.

Em cima tinha-se o céu e, embaixo, a terra.

As casas pareciam *Tico e Teco*⁷, pois, eram iguais. Um conjunto popular inaugurado com pompa política e a presença do ministro Mário Andreazza. Uma versão da época do *Minha Casa, Minha Vida*. Tinha relativa infraestrutura, incluindo um centro comunitário onde aconteciam bailes animados, mas faltava asfalto.

Não era tão precário ao ponto de ser um bairro de lata ou uma favela, mas havia muito a ser melhorado e põe-se muito nisso.

Para o status da maior parte dos moradores o lugar poderia até ser de bom tamanho. Quem tivesse vergonha de ser suburbano que se mudasse, oras... O lugar era feio, mas tinha donos.

Seria natural aos mutuários sonharem com uma casa melhor, espaçosa, em lugar melhor valorizado, carros na garagem e como sonhar pouco é bobagem, um bom emprego e uma poupança sólida tornariam a vida mais tranquila.

⁶ Lar para pobres, em Hebraico.

⁷ Personagens do desenho animado.

Mas o 4º plano era lugar de pobres. Para uma melhor ideia do lugar, as casas tinham pouca distância da calçada, sete passos apenas, porque os burocratas do governo imaginaram que os mutuários jamais teriam carros. Espaço pequeno para uma garagem.

Mas assim como Lúcio e Laura, outros jovens e casais mais maduros haviam se mudado para o BNH para começarem uma nova vida, deixando para trás sabe-se lá se boas ou más lembranças porque isso só dizia respeito a eles próprios.

Lúcio nunca fora afeito a orações e quando garoto fizera troça nas missas em desagravo por ter sido obrigado a ir à Igreja, mas o lado meio agnóstico e céptico era equilibrado pela sua alma gêmea, ela sim católica, e isso a tornava superior a ele na parte espiritual mesmo diante do antigo dilema: Deus existe ou não?

Lúcio pensava com seus botões que quando ficasse mais velho Deus ficaria mais evidente em sua pessoa porque teria mais medo da morte. Então precisaria apostar na sorte para ter vida longa com saúde, pois, doente não valeria a pena ser longo.

Mas lembrava-se de Emerson⁸: “Homens fracos acreditam na sorte. Homens fortes acreditam em causa e efeito”.

Ou então crer na possibilidade de se designar valor nas coisas...

Renovar diariamente o compromisso com o trabalho, a verdade, a justiça, a liberdade e a fé já esgotava suas energias naquele vigor de idade - raciocinava. Ah! E não perder a atitude!

Sonhava em envelhecer naquela casa - em momentos de ironia e conflito de modéstia chamava o pequeno lar de castelejo - vivendo um dia de cada vez, sem pressa; em ter filhos e não desanimar diante dos inevitáveis infortúnios mesmo sabendo que o amor e a razão podem se tornar inimigos em qualquer idade.

“O lugar onde você mora é o seu templo”, ensinara Buda.

Alvorçar-se naquele início seria uma ansiedade inútil e doentia. Já tinham a casa própria e isso era um grande passo. Mau negócio seria pagar aluguel ou, pior ainda, ter que morar debaixo da ponte. *Esse que o verdade* - diria o alegre sogro paraguaio, um carpinteiro de ofício que havia consertado de bom grado as portas da casa emperradas por falta de uso naquele início e, anos depois, presenteara o casal com a mão de obra da cobertura na parte ampliada.

⁸ Referência ao pensador norte-americano Ralph Waldo Emerson.

Melhor então aproveitar as humildes distrações que tinham às mãos e se adaptar às limitações. Não fora dito que eles não tinham muita ambição? Então...

Apesar de certa ambiguidade no ar e no aspecto físico discutível do bairro, o teto era próprio e ninguém tascava.

Para Lúcio e Laura era como se estivessem num barquinho doce...

As frágeis mudinhas de árvores nas calçadas tinham apenas um palmo ou pouco mais de altura. Mal faziam sombra às formigas. Bem que a prefeitura poderia ter plantado mudas maiores para fazer sombra logo.

Não havia flores. O casal logo tratou de formar um pequeno jardim – mais a Laura do que o Lúcio, preguiçoso para esse tipo de trabalho. Tinham uma bela samambaia na sala e costumavam mostrá-la às visitas como uma espécie de troféu. Parecia uma deidade com viçosos cabelos verdes...

Lúcio, num lampejo de excentricidade, pensou em fazer um relógio de sol no quintal da frente para dar um toque especial ao ambiente, mas desistiu da ideia maluca porque não encontrou quem soubesse fazê-lo.

Quem residia no BNH 4º plano naquele tempo costumava ter a impressão de que estava morando longe da civilização, quase em outro planeta, a léguas da diversão metropolitana, tão silenciosa que era a maior parte das ruas. Parecia uma área rural urbanizada ou uma cidade fantasma. Ali o tempo passava devagar por falta de distração e daí, provavelmente, um estímulo a mais à curiosidade com foco no alheio.

Figurões mantinham, em outras ruas, discretamente, amantes aproveitando-se da quietude, uma perigosa e obscena sucursal para o adultério. Realmente havia casas ocupadas por mulheres morando sozinhas, mas raramente se via algo comprometedor. E quem visse se faria de surdo e mudo, pois, não seria besta...

Gente perigosa com negócios escusos na faixa de fronteira com o Paraguai também se amoitava por ali. Dificilmente a polícia dava as caras. Pudera, eram poucos gatos pingados em todo o BNH com mil casas, um bairro aparentemente tranquilo para se morar. Não se pode negar que por muitos anos foi um lugar pacífico, mas com a ocupação veio à violência, a criançada, a rapaziada, o tumulto, a loucura suburbana, o fuzuê...

Veza ou outra se ouviam estampidos distantes. Quando não era a audição da prática do tiro ao alvo no dia seguinte o rádio noticiava o crime. Talvez seja desumana e antiética a observação porque todos têm direito à defesa, ninguém pode tirar a vida do seu semelhante e deve-se sempre respeitar os direitos civis do cidadão, o Estado de Direito, mas não se matavam inocentes... As vítimas sempre tinham algum envolvimento com o tráfico, contrabando, roubo, adultério, enfim, felpa avantajada.

A discrição era prudente não só no pacato bairro, mas em toda Dourados. Guardar segredos era uma qualidade inerente para quem quisesse se manter longe de encrencas e de chumbo. Prudência significava manter-se vivo. Ter juízo nesse sentido era uma espécie de escudo protetor. Imperava a lei do silêncio. Os malfeitores poderiam arrancar e comer os olhos dos intrometidos...

Cães vadiavam por todo lado em busca de farra, acasalamento, lixo, demarcando terreno ou, quiçá, procurando um dono amigo.

Não se ouvia quase falar em gatunagem apesar da fragilidade das habitações. Pelo contrário. Um bom vizinho ajudava a cuidar da casa na ausência do titular e não raramente, para variar, se excedia no monitoramento botando o bedelho onde não era chamado... Tipo recebendo correspondências, passando recados, olhando defeitos na casa e dando palpites. Coisas pitorescas do cotidiano suburbano...

Ninguém estava, porém, livre das pueris brincadeiras. Um maganão volta e meia aprontava. Tirava a roupa do varal ainda úmida ou o tênis e jogava-os no quarto pela janela. Acontecia de a dona-de-casa ficar procurando e deduzir que havia sido roubada... Mas não fazia nada mais comprometedor.

Quando se avistava o garoto cruzando os quintais já se podia imaginar arte... Quando era pego em flagrante fugia rindo... Era o jeito de brincar e chamar a atenção. A mãe não podia com esse garoto e fora isso se mostrava prestativo e comunicativo.

A vida no bairro tinha um aspecto particular. Como não havia muros naquele início, abrindo-se a porta lateral da cozinha para o lado de fora o morador se deparava com a janela retangular basculante do quarto do vizinho, enorme e indiscreta.

Quando estava aberta podia-se ver facilmente quase tudo dentro do quarto e isso não era bom, nada bom. Da mesma forma que um poderia ter a tentação de espichar os olhos da curiosidade para ver o que havia no quarto do vizinho de baixo o vizinho do lado de cima

poderia fazer o mesmo em relação a você... Lógico que uma cortina ajudava a disfarçar bem, mas aquele povo pobre não costumava gastar dinheiro com isso...

As crianças eram as mais bisbilhoteiras, mas tinham os marmanjos também...

III

Se no inverno fazia calor imagine, car@ leit@r, no verão. O calorão infernal dos Cerrados parecia derreter os miolos tanto fora como dentro das *Betânias*. Era insuportável e sufocante fechar as janelas à noite. A pele suada virava banquete farto aos pernilongos e o ventilador era pífio diante do ambiente abafadiço. Ar-condicionado era objeto de luxo. As noites eram longas e invariavelmente mal dormidas nesses dias; a água do chuveiro ficava morna mesmo na posição fria.

Lúcio reclamava, mas aproveitava para fazer piada com a situação. Dissera que gostaria de ter feito um acordo com o irmão Sol, mas sua majestade Coaraci⁹ nunca quisera conversa e mandava mais e mais ardor... A umidade relativa do ar oscilava entre 15 a 20 por cento em dias críticos e a temperatura à sombra chegava perto dos 40 graus.

- Um forno em chamas com certeza seria bem pior... Ou o deserto do Saara... – afirmava, enxugando o suor do rosto, em tom de ironia.

Porém, à tarde, tinha-se o presente das Hespérides¹⁰: o crepúsculo, em determinados períodos do ano, formava uma imensa cortina meio avermelhada, meio amarelada na direção Sul do infinito, um fenômeno muito bonito.

A irmã Lua em dias menos quentes era outra dádiva porque parecia estar devolvendo o sorriso àquelas pessoas sofridas depois de um dia extenuante; alimentava o êxtase, a leveza, a paz... Momentos ociosos e preciosos para a reflexão, a loucura, o prazer, enfim, o silêncio maroto da noite...

⁹ Na Mitologia Tupi-Guarani é a representação ou deidade do Sol.

¹⁰ Na Mitologia Grega as Hespérides são primitivas deusas primaveris que personificam a luz da tarde e o ciclo do entardecer.

Para os fracos de espírito a pobreza pode até destruir a alma, mas a felicidade brincava em volta daquele lugar. A melancolia também rondava a área, mas não com a mesma intensidade.

Era preciso sempre ver o lado bom: o irmão vento e o irmão ar são belos e puros!

Naqueles momentos de fantasia noturna a inspiração metafísica se aguçava e a eternidade do espaço alinhava-se com o universo paralelo... Mas era preciso manter os pés em terra firme... Qualquer terráqueo besuntado na lama e polido em pedra ferro tinha que ter lucidez: era apenas o céu com seus infinitos mistérios e encantos...

Houvera quem quisesse, despreziosamente, apenas ajudar a iluminar o céu...

Lúcio subia no telhado à noite para ficar olhando o céu, isso quando a cobertura já havia esfriado...

Laura tinha medo de trovoadas, ventanias e rajadas de chuvas. Ela entrava em pânico quando surgiam tempestades e pés-de-vento. A casa destelhara algumas vezes. Antes de inaugurarem o BNH, quando parte das habitações ainda não tinha cobertura, o vento forte chegou a derrubar uma fileira de casas...

Nos dias sem calor, o frio extremo fazia doer os tornozelos.

As paredes, blocos de concreto finos e extremamente resistentes – martelar um prego na superfície lisa era tarefa quase inútil e ingrata porque desgrudava um pedaço de concreto e não fincava o prego na parede - isolavam apenas os olhos. Material de baixa qualidade no sentido de proteger o ambiente interno do barulho e da temperatura.

@ car@ leit@r talvez considere uma hipérbole desnecessária e tosca, mas uma primitiva escapadela de ventosidade, uma brisa rebelde diga-se assim para minimizar o feito orgânico, ou seja, no bom, direto e claro português, um pum exigia habilidade na arte do disfarce senão o vizinho certamente escutaria o estalido ou o ruído de bexiga sendo esvaziada aos poucos com o bico esticado horizontalmente.

Não adiantava assobiar porque atrás do ruído vinha à fetidez.

As casas eram muito rentes... Os roncões, por exemplo, faziam sinfonia noite adentro...

Uma conversa sigilosa impunha o tom do cochicho.

Um arroteo então, nem pensar!

E se a erupção ruidosa escapasse era oportuno concluí-lo ao estilo bem humorado e pitoresco do Vander Verão¹¹:

- A saúde é tanta que se evapora!...

A bisbilhotice naquele meio era uma via de mão dupla, lógico, o vento batia nos dois sentidos... É feio e falta de educação ficar ouvindo a conversa alheia, mas na casa *Betânia* não havia esse pudor.

Ouvia-se sem necessariamente querer a conversa d@ vizinh@ tagarela.

A grama do vizinho é sempre melhor até que se descobre que ela é artificial, já dissera um sábio.

Mas era ainda mais constrangedor – valha Deus! - o efeito retumbante de um piriri inesperado...

Às vezes os momentos de silêncio eram interrompidos por uma eventual briga de casal ou por crianças correndo pela rua em prantos por causa de uma sova ou após a “cantada” da vara de marmelo. Os outros garotos corriam atrás para saber o motivo e ainda zombavam da vítima.

Havia momentos em que o bate-boca entre os adultos ficava feio desnudando a violência doméstica. Eram raras as agressões físicas, mas comuns à intimidação psicológica e o xingamento. Pobres pessoas, mal dotadas de dinheiro e de respeito. Certamente nunca ouviram a célebre frase atribuída a Homero¹²: “Todo homem sábio ama a esposa que escolheu”. Aliás, nem seria preciso recorrer a Homero para essa ululante dedução, não é mesmo leit@r?...

Fanfarrões atraíam olhares ainda mais singulares...

Todo tipo de segredo deslizava como quiabo na boca suja e escorregadia da fofoca e pipocava sob a mancha da deturpação além da primeira esquina.

Um pequeno deslize aumentava rapidamente de tamanho.

E atire a primeira pedra quem não o comete!

Perfume perverso da essência humana, pois, é mais fácil se escapar de um raio do que de um mexerico.

Dizem que o homem esconde dentro de si um desejo insaciável pelo conflito. Remar contra isso seria lutar contra a gênese humana.

¹¹ Jornalista douradense.

¹² Poeta épico da Grécia Antiga a quem se atribui a autoria de *Ilíada* e *Odisséia*.

Entre as coisas que Luís Fernando Veríssimo diz ter demorado anos para aprender ele relaciona esta: “A força mais destrutiva do universo é a fofoca”.

Marquês de Maricá¹³ dissera: “Uma cabeça má arruína o corpo inteiro”.

Os moradores tinham vocabulário simples. A rusticidade do lugar quase não permitia espaço para a presunção e a arrogância, embora existissem sim, como em quase todos os lugares, alguns idiotas metidos a besta morando na Rua Iracema.

Mas eram pessoas pacíficas e solidárias em sua maioria. Isso, no entanto, não as impedia de verterem venenos e soltarem as garras quando preciso, ora se não...

Na casinha branca com portas verdes claras e janelas pouco discretas uma caixa com fósforos caída na lajota da cozinha, em dia de chuva, amanhecia desmanchada, tamanha a infiltração.

Essa umidade excessiva tinha o lado bom: era gostoso andar descalço porque o chão ficava geladinho...

IV

BNH 4º plano era o nome popular, mas o lugar oficialmente era identificado como *Conjunto Habitacional Mário David Andreatza*, um dos maiores senão o maior conjunto da Região Centro-Oeste do Brasil naquela época.

Ainda em 1982, pela primeira vez ocorrera em Dourados um desfile de escola de samba comandada pelo sambista Paixão com direito a Rei Momo, mulatas e tudo mais em termos de alegoria. Laura desfilara na ala das baianas junto com o primo dela. Essa escola fora patrocinada por um bicheiro.

Lógico que seria uma piada compará-lo ao carnaval do Rio, mas a folia fora muito animada e chegou aos principais clubes suburbanos, incluindo o Centro Comunitário do 4º plano. Há quem dissesse que fora a festa popular mais animada de todos os tempos.

¹³ Mariano José Pereira da Fonseca foi escritor, filósofo e político brasileiro na época do Império.

Assim como o carnaval de rua, a distribuição das *Betânias* acontecera em ano de eleições e fora também um carnaval para expressar a festa em si. Por aí @ leit@r pode imaginar o balcão franciscano entre o tubarão político e a sardinha eleitora...

Povo pobre do vil metal, mal dotado de respeito e de consciência política, para não fugir à regra brasileira.

Desprovidos do espírito de cidadania, cada qual desejava a qualquer custo uma casa. O título de eleitor não tinha outra serventia a não ser uma eventual troca de favor. Corruptos e corrompidos se alinhando por interesse próprio, uma pechincha, uma tentação.

A procura pela casa, no início, fora grande.

Falara-se muito a respeito dessa politicagem à boca pequena. Os protagonistas passavam a ideia de que não havia nada ilegal e imoral e tudo ficara por isso mesmo.

As casas populares eram um direito do povo e o conjunto fora feito com recursos públicos cuja dívida em dezenas de prestações haveria de ser pagos com suor, juros e correção. Do contrário o mutuário perderia o contrato... Era tudo pago, mas a fama de benfeitores ficava para os políticos que ainda agregavam votos à frente da política habitacional.

Não houvera nada além de evidências circunstanciais sobre o suposto e fantasmagórico balcão.

Quem se beneficiara calara-se e o assunto caíra no esquecimento, tudo dito pelo não dito. A maioria dos beneficiados, salvo exceções, pegou as casas mais bem localizadas, na parte alta do bairro. Como diriam os índios guaranis locais: “Pouca brasa? Meu assado primeiro...”.

Lúcio ouvira rumores a respeito, mas conseguira adquirir o contrato diretamente junto ao agente financiador ao preço oficial. Estava fácil fazer o financiamento. Bastava pagar a pequena entrada e comprovar renda suficiente para garantir as parcelas. Não era preciso se vender a nenhum esquema político.

O conjunto gigante ficava distante da área central. Os acessos eram restritos e ruins, ruas de terra com pouca manutenção, enfim. O balcão político não deu conta inicialmente de entregar todas as casas porque a precariedade do lugar desinteressou aqueles que desejavam algo melhor. Dourados vivia um boom. Além da distância faltavam escola e serviços essenciais. O transporte coletivo era difícil. Muitas casas ficaram fechadas apesar do déficit habitacional.

Quem perdeu a chance de adquirir uma casa nos idos dos anos 80 não enxergou a oportunidade ou não quis se submeter ao suplício. Essas pessoas devem ter se arrependido porque, meses depois, veio a galope o asfalto, escola, posto de saúde e outras melhorias. O asfalto fora feito às pressas bem às vésperas das eleições. A qualidade de vida melhorou e o patrimônio se valorizou.

Mas o 4º plano continuará sendo sempre um típico conjunto popular com suas inerentes particularidades.

V

Certo dia Lúcio brincava com Laura sobre o tamanho da *Betânia*, observando detalhes que talvez fosse preferível ignorá-los. Mediu a casa em passos.

Embora para o casal o ambiente estivesse de bom tamanho, com cinco passos se atravessava a sala da porta de entrada até o pequeno corredor de acesso ao quarto, ao banheiro e ao quartinho dos fundos; a largura da sala media sete passos. Lendo-se o gibi do garoto *Bolinha* tinha-se a impressão de que a sala era do tamanho da casa da árvore da revistinha infantil...

Casa miúda, feinha, cheirosa, mas era o amado e idolatrado cantinho do sossego. Pelo menos era fácil de limpar. Lúcio às vezes se comportava como um idiota, cabeça oca. Gracejara afirmando que só eles tinham o direito de por defeito na casinha para, diga-se assim, não perderem o costume de reclamar... Ali eles poderiam brincar de reis sem súditos...

- Mas, que graça tem um reino sem súditos? – questionava Laura

- Aqui se ouve mais forte o grasnido do corvo de Poe¹⁴ - dissera Lúcio.

De fato, o fundo de vale com um arroio pouco poluído atraía pássaros, tornava o ar mais puro e o ambiente mesclando bucólico e sombrio.

Ambos tinham inaugurado o castelejo franciscano e o enchido de esperanças porque mobília mesmo quase não tinha, era uma

¹⁴ Referência ao poema de Edgar Allan Poe.

comédia... Também não cabia muita coisa. Tinha uma geladeira pequena, um fogão, um armário de aço na parede, uma mesinha, um sofá pequeno usado, uma tevê preto e branco, uma cama, um guarda-roupa e, o que mais? Mais nada, além de livros, revistas e roupas...

A geladeira, o fogão e a tevê compraram novos; o armário de aço fora presente. Na primeira compra no supermercado, entre utensílios de cozinha e mantimentos, encheram dois carrinhos, pois, não tinham sequer uma colher de pau.

Naquele início de mel sobrava espaço para a bagunça e para livros sem estante espalhados por todo canto. A bagunça sempre fora uma das qualidades do Lúcio. Tivera uma semana que ele lia Rimbaud na sala, Goethe no quarto, Lima Barreto no banheiro e Fernando Sabino no quartinho. Depois mudava os livros de lugar...

A tevê era em preto e branco quando a colorida já era carne de vaca. A Laura tinha um radinho de pilha e como gostava de ouvir esse rádio... Acompanhava a programação, fazia comentários, ouvia notícias, cantarolava, enfim, era uma feliz ouvinte. Ela sempre ouvira muito as rádios.

Formigas, barbaridade, surgiam por todo lado. Não davam trégua saqueando o armário, os alimentos em cima mesa, isso para não citar as nojentas baratas cascudas que saíam sabe-se lá de onde. A maior parte da cidade não era servida por rede de esgoto, mas o BNH 4º plano era e mesmo assim havia baratas.

Certa vez Lúcio e Laura acordaram no meio da noite com o ruído da correição na parede do quarto. Meio assustado, Lúcio resmungara dizendo que se tivesse o poder da metamorfose de Kafka¹⁵ se transformaria num tamanduá...

Antes de chegar o asfalto, a poeira, por Deus, impregnava-se, impregnava-se...

Nos dias de chuva a lama era uma tortura. As enxurradas abriram uma voçoroca entre o espaço da calçada e a rua em frente da casa deles. Improvisaram uma pinguela.

Nos dias de chuva o ambiente virava terra para tatus. O ônibus não passava no ponto da esquina de cima, o mais próximo, mas apenas na rua principal três quadras acima. Se descesse ficava atolado. As pessoas se equilibravam subindo a ladeira de lama com sacos plásticos

¹⁵ "A Metamorfose" é um conto escrito por Frank Kafka publicado pela primeira vez em 1915.

encobrendo os sapatos. Aventurar-se a sair de bicicleta seria tombo na certa, além do barro travar as rodas.

Poucos tinham carro. Havia muitas bicicletas e algumas motos que também não venciam o atoleiro. A única opção eram as pernas que te quero...

Essa dificuldade contribuiu muito para encalhar as casas. Teve gente que adquirira o imóvel, porém, preferira mantê-lo fechado e pagar aluguel em lugar melhor.

Depois, na fase, diga-se assim, mais progressista, normalmente o primeiro investimento era na construção do muro visando um pouco mais de privacidade.

Poucos, no entanto, conseguiam dividir o custo com o vizinho. Quem tinha pressa e dinheiro se via obrigado a bancar a empreitada aguardando a boa vontade do morador ao lado de ajudar ou não quando pudesse. As coisas, na parte financeira, eram difíceis. Além da prestação havia o custo com o transporte que não ficava barato. Apesar do boom em Dourados, o salário mínimo oscilava a casa dos pífios US\$ 50 no início dos anos 80. Esse otimismo econômico, no entanto, desaparecera pouco tempo depois.

Curiosa e espirituosa esta situação, coisa da cabeça de pobre: quem fazia o muro, mesmo parcialmente, já ascendia socialmente no imaginário popular. Quem conseguisse ampliar a casa e fazer uma varanda na fachada virava o “cara”...

Diziam que era loucura investir em casa do 4º plano, era jogar dinheiro fora porque dificilmente haveria retorno em termos de valorização. Mas o tempo mostrou o contrário. Quem investiu saiu ganhando em conforto e preço de mercado.

Respeitam-se a privacidade do homem quando ele tem dinheiro, senão...

Lúcio demorou anos para começar a fazer os primeiros pedaços de muro. Aliás, foram os vizinhos de baixo e de cima que iniciaram primeiro construindo até a metade do terreno. Ele depois os terminou aceitando empréstimo de um amigo, o Miguel.

Ainda trabalhou como servente para economizar, o que lhe rendeu bolhas nas mãos macias desapegadas do serviço braçal. O pedreiro fora o Zé, outro amigo, morador na mesma rua.

Miguel oferecera o dinheiro, pois, se fosse para o Lúcio tomar a iniciativa a casa ficaria mais tempo sem muro. Ele não gostava de pedir dinheiro emprestado para ninguém. Fizera isso poucas vezes na

vida, somente em momentos de extrema necessidade e mesmo assim pedira à mãe. Entendia que levar um sonoro não nesses momentos era mais do que constrangedor, era tapa na cara, humilhante...

Embora Miguel nunca tivesse dito nada, Lúcio desconfiava que o amigo tivesse se incomodado quando nos churrasquinhos de final de semana, no fundo do quintal, vira o ambiente aberto e os olhares sequiosos da vizinhança, isso para não citar a curiosidade em torno do que eles faziam, diziam, das brincadeiras e como se divertiam tanto... Uma perna de grilo era motivo de algazarra... Talvez os vizinhos só quisessem compartilhar...

O empréstimo obrigou Lúcio a economizar mais e a fazer mais bicos. Dois ou três meses depois quitara a dívida. O fato é que eles ficaram bem mais a vontade para as festinhas que reuniam outros amigos... Por esse tempo já oferecia uma boa sombra um pé de manga plantado pelo avô da Laura.

Do resto de um copo de caipirinha jogado no fundo nascera um pé de limão rosa.

Aquela turminha gostava de uma festa barbaridade, apreciava uma boa dose de coragem líquida...

Antes do tão sonhado muro se tornara comum para Lúcio e para a Laura abrirem a porta da cozinha pela manhã e já se depararem com a vizinha no corredorzinho da divisa dando bom dia com a xícara de café numa mão e um naco de pão na outra.

Era habitual se ver as pessoas comendo fora da casa ou então logo quando levantavam aparecerem na porta da frente bocejando e exibindo a roupa surrada de dormir, esfregando os olhos remelentos e coçando partes íntimas...

Lúcio e Laura faziam amizade facilmente e sempre tiveram bons vizinhos. Aliás, se fazer amizade naquela rua era fácil. O complicado era mantê-la, estabelecer limites e não dar trela para o frívolo...

Para Santo Agostinho, as amizades se estabelecem dentro de um ambiente de interesses. A ocasião também contribui para uma boa amizade.

As habituais rodas de tereré aproximavam as pessoas. Lúcio não costumava tomar tereré. Quando lhe ofereciam ele agradecia. Não achava higiênico o canudinho, ou bomba como se diz por aqui, passando de boca em boca. Já estava de bom tamanho compartilhar apenas a conversa.

Com a chegada de novas famílias aumentara bastante o número de crianças correndo de um lado para outro, de todas as idades.

A criançada brincava de beto ou improvisava um campinho de futebol na rua. No mês de agosto a garotada se divertia com pipas e virava um deus-nos-acuda quando saiam correndo atrás daquelas cujas linhas arrebentavam no ar...

Com a família da casa do lado de baixo Lúcio e Laura mantiveram uma boa relação logo na chegada, mas as conversas se limitavam às amenidades. Era um casal com duas filhas e a avó morava junto.

Aos domingos havia um advogado gaúcho que fazia churrasco na frente da casa dele, aproveitando a sombra da própria residência, e ficava ali comendo carne com a esposa e tomando cerveja até o início da tarde. Ele morava três casas acima, do lado esquerdo. Naqueles tempos de vacas magras a vizinhança ficava com água na boca...

Não dava para afirmar que o gaúcho fosse exibido, pois, o churrasco é tradicional entre eles. Seria pobreza de espírito. Apenas ele podia e os outros não... Mas ele, ou melhor, a churrasqueira, virava uma espécie de “tevé para cachorros”...

Era um jeito espirituoso de almoçar fora de casa...

VI

O aspecto idêntico das casas proporcionava situações divertidas e embaraçosas para quem não conhecia o lugar e aparecia pela primeira vez para uma visita, ou mesmo para quem já morava ali.

Para os forasteiros normalmente dava trabalho encontrar a casa certa mesmo se tendo o endereço. Os números adotados em uma rua eram os mesmos nas ruas paralelas e nem todas as unidades tinham plaquinhas com a numeração.

O próprio Lúcio por mais de uma vez entrara à noite na casa do vizinho de cima pensando que era a dele. Só se dera conta do mico quando pusera o pé na porta da sala. Reforçando o que já fora dito, olhando-se de perfil as casas eram irmãs gêmeas, uma repetição visual a se perder... Era preciso por algo para diferenciá-las, que fosse uma lata com plantas. Teve gente que pusera caveira de cabeça de vaca e outros rapidamente pintavam pelo menos a fachada...

Vizinhos também apareceram na porta da casa dele por conta do mesmo engano. Isso se repetia regularmente.

Se o sujeito estivesse bêbado ficaria mais perdido, certamente...

A principal mercearia da rua era a do seu Domingos, onde se podia comprar fiado. Lúcio logo virara freguês e chamava o dono de “tio” na tentativa de se mostrar simpático e confiável. Seu Domingos, apesar do semblante sério, não reclamara do tratamento familiar que rapidamente se espalhou. Passara a ser o “tio Domingos”...

Com o passar dos dias Lúcio pode perceber que o seu Domingos era gente boa, pessoa de estima, positiva. Tinha opinião sobre quase tudo, principalmente sobre política. As rodas de cerveja na varanda da mercearia se formavam praticamente todas às tardes e se tornaram uma espécie de atração, uma “boca maldita”.

A maioria bebia para aliviar a timidez, o estresse do dia-a-dia e tinha consciência de que o álcool apodrecia o cérebro e o fígado, mas apodrecia de forma bem alegre e devagar... Ali o debate era genérico, mas não se fazia mal a ninguém, a não ser matar copos de cerveja e pinga, com exceção de uma vez cujo episódio @ leit@r saberá mais adiante.

O seu Domingos confiava demais nas pessoas. Perdera dinheiro com os caloteiros, mas ele se vingava contando pra todo mundo quem era mau pagador e a informação corria de boca em boca minando por vez a reputação do infame. Também comprar fiado e não pagar era o fim da picada...

Os bons pagadores tinham tudo com ele, embora fosse um dever e não obrigação quitar a conta.

Lúcio pagava em dia. Não desejava, como outros, arder no fogo do inferno verbal. Pobre que fica mal falado por inadimplência mais pobre fica. Acaba ficando como uma grama pisada por outra pessoa.

VII

Poucos dias antes de se mudar Lúcio havia trazido a mãe para conhecer a casa. Ela tomara um susto com o local e a distância em relação ao centro:

- Como você pretende morar aqui nessa lonjura e trabalhar no centro? Coitado!... Tá ferrado!...

Ele agradeceu o incentivo. Era ao menos seis quilômetros até o trabalho, isso para não cruzar a trilha formada por pasto e mato...

Lúcio não tinha carro. O fusca branco usado para trazer as suas coisas e da Laura era do sogro. A grana sempre curta obrigava-o a pedalar uma bicicleta de dez marchas comprada no Paraguai, uma Monark Positron. Quase todo dia comia poeira e chegava suado no trabalho, mas o exercício forçado o deixava em forma, com pernas fortes e bom fôlego. No período das águas pegava o ônibus. Outras vezes fizera o trajeto a pé.

Na escuridão da noite, descendo para a casa de bicicleta pela Rua Cafelândia, na época uma via de terra ladeada por roças, bateu num pedaço de pau e levou um baita tombo caindo de costas. Teve apenas escoriações e ficou por alguns dias com mau jeito no ombro.

Poucos dias antes de se mudar para a casa pedira a kombi ao seu Quinzito com a intenção de levar a Laura para conhecer a casinha branca. Havia chovido e as ruas estavam um verdadeiro sabão. Por pouco não ficaria atolado. Passara um sufoco para subir as ruas escorregadias com o veículo patinando e deslizando para os lados. Deveria ter observado melhor o terreno e nem descido, mas estava ansioso para mostrar a futura morada...

Quando fora devolver o veículo, com atraso inesperado, o seu Quinzito havia levado uma bronca porque precisaram sair com a kombi no serviço.

O motorista fora o santo casamenteiro – apresentara Laura para o Lúcio e ainda dissera que ela estava interessada. Anos mais tarde brincara com o seu Quinzito dizendo que não sabia se o abraçava ou dava-lhe um safanão... Ambos caíram na gargalhada...

Amigo sincero, o seu Quinzito fizera gosto em ajudar. Mas naquele dia os dois tiveram azar. O velho motorista não tivera o que fazer a não ser engolir a seco o pito do chefe chato e insensível, mesmo porque o trajeto era rápido em tempo seco.

Ambiente de trabalho é sempre assim: você faz e faz e o reconhecimento invariavelmente é ínfimo. Mas pisa na bola o couro esquentado...

Aos poucos os moradores ampliaram as casas, construíram muros, puxadinhos, pintaram as construções com cores bonitas e,

assim, foram dando um aspecto mais decente ao lugar. O conjunto como um todo fora ganhando nova feição.

O “pombal” deixando de ter aparência de casinha para pássaros.

VIII

Numa noite quando dormiam o vizinho do lado de baixo chegara bêbado em casa e quisera bater na filha. Desesperada, ela correria e fora pedir socorro na janela do quarto do Lúcio. Mas antes mesmo que ele se levantasse a menina desaparecera no breu porque o pai estava no encaço totalmente descontrolado. Da janela, com o luar, dera para ver a sombra do monstro bufando.

Naquela escuridão e quintais sem muros era fácil se esconder. O homem gritava pela menina. Lúcio e Laura acenderam a luz e preferiram aguardar um pouco antes de abrirem a porta, até para entender o que estava acontecendo e ver se a garota tinha conseguido se livrar do brutamonte.

Eles não tinham muito por fazer, pois, Lúcio cuja valentia tinha limites não era páreo para o grandalhão. Não dava para arriscar uma conversa naquele momento. Ligar para a polícia estava difícil porque o orelhão ficava na mercearia do seu Domingos a duas quadras de distância. Ninguém tinha telefone em casa e celular não existia. Pior: será que a polícia viria?

Outros vizinhos também acordaram com o berreiro e aí a coisa ficara feia para o lado do pai e ele, caindo em si e sentindo a pressão diante do fato de que os moradores saíram de suas casas para o ver o que estava acontecendo, pode perceber a burrada. A menina deveria ter menos de dez anos e só retornara a casa dela quando o pai já estava dormindo, isso a altas horas. A mãe, coitada, chorava desesperada com a situação e ansiosa com a volta da menina. Do mesmo jeito que a garota desaparecera ela surgira do nada, do breu, assustada.

No outro dia pairava um clima desconcertante no ar como final de festa marcada por briga. O homem, arrependido do vexame, não sabia onde por a cara e pedia mil desculpas para a esposa, a filha e a vizinhança. Quando bebia ficava valente, mas depois daquela noite nunca mais se atrevera a querer encostar a mão na filha. Aprendera de

um jeito moralmente amargo à lição, embora o desfecho pudesse ter sido bem pior. Todos passaram a olhar com desconfiança para ele, pois, o tigre não altera suas listras.

Nunca a vizinha revelara o que motivara a ira do marido, se de fato houvera algum motivo. Pusera uma pedra sobre o assunto.

Depois desse dia Lúcio e Laura passaram a observar com maior atenção as filhas do brutamente e a vovó, sempre na expectativa de que o homem voltasse a praticar alguma violência, mas não, nada acontecera.

Lúcio gostava de conversar com essa avó. Ela era engraçada e quando ficava sentada na frente ou ao lado da casa conforme o movimento da sombra, perto do tanque de lavar roupas, costumava puxar conversa e contar causos meio sem pé e sem cabeça. Os parentes não lhe davam bola e então Lúcio, quando podia, se sentia na obrigação de lhe dar ouvidos.

Numa tarde Lúcio perguntara se ela estava precisando de alguma coisa e ela surpreendera pela vivacidade:

- Quero saúde. Você pode me dar? Quero também um cérebro novinho em folha e não precisa ser dos mais sabidos não...

E dera uma boa risada enquanto Lúcio ficara olhando para ela com cara de bobo, surpreendido. Pensara: “Quem mandou mexer com quem está quieto...?”.

A vida é cheia de surpresas, más e boas. Esse mesmo vizinho sóbrio era humilde, atencioso... Numa tarde em que Lúcio trabalhava ele socorrera o filho primogênito do Lúcio quando o mesmo ainda era um bebê e houvera se engasgado com leite ao mamar no peito. Laura desesperada gritara por ajuda.

Ele aparecera rapidamente e vendo o menino quase morrendo sufocado pusera a boca no frágil narizinho da criança e sugara com força a secreção desobstruindo as vias nasais... Certo ou errado, o menino voltara a respirar aprontando um berreiro...

Laura ficara sem palavras para agradecer, assim como Lúcio. Ficaram imensamente gratos. Esse lance servira de reflexão: jamais se deve prejudicar ninguém. A ajuda, na hora da precisão, pode vir de onde menos se espera.

Teve um tempo em que esse vizinho tivera uma carroça e num sábado convidara Lúcio para roubar milho em fazendas próximas. Lúcio que encarava a honestidade como um vício dera uma desculpa

esfarrapada qualquer e, evidentemente, não fora... No final da tarde o homem aparecera com a carroça cheia e oferecera algumas espigas.

O primogênito, tempos mais tarde, com a peculiar curiosidade de criança de dois a três anos, pegara o copo de Qboa debaixo do tanque e tomara um gole pensando que era água para beber... Dê-lhe a mãe correr para o médico com os recursos a mão, no caso, a garupa da moto de um vizinho dos fundos, um amigo radialista.

Felizmente a dose fora pequena e não fizera mal. Nunca mais a Laura deixara um veneno assim para criança num lugar tão fácil...

IX

Naquela rua moraram figuras interessantes. Teve um sujeito perturbado que, entre outras coisas, volta e meia era visto brigando com a própria sombra ou então cometendo o martírio do matungo. Era um homem traumatizado pelo passado. Vivia um calvário. Sentia-se perseguido por pensamentos fantasmagóricos. Rogava por um Deus que perdoasse bastante.

Era o Armando cuja personalidade não tinha nenhum magnetismo nos dias de perturbação. Parece que havia uma escuridão na mente dele. Não vivia indefinidamente em estado de delírio ou de aparente insanidade e não era violento, pelo contrário, nunca se ouvira falar, por ali, que seria um sujeito agressivo, mas tratava-se de um homem bem esquisito. Não cumprimentava ninguém com aperto de mãos. Quem lhe esticasse as mãos ficava no vácuo.

Havia dias que não penteava os cabelos e sempre era visto com a barba a ser feita. Morava com um irmão que saía para trabalhar e o deixava sozinho cuidando da casa.

Armando não tinha personalidade criminosa, mas sim uma cabeça bagunçada. Ele geralmente ficava sentado ora em frente da casa, ora nos fundos ou então entretido em seus afazeres domésticos. Tinha feito uma horta, coisa que nem os ditos normais faziam.

Quando alguém por educação o cumprimentava de longe ele respondia normalmente acenando, dizendo um olá ou algo sem nexo como “hoje chove açúcar”.

Às vezes tentava conter o rangido dos dentes para ser atencioso numa conversa, mas a voz trêmula denunciava o seu estado. Por causa

da sua doença não era de falar muito, era do tipo sem perguntas e não comentava sobre a vida dele e nem da de ninguém. Fazia o tipo monossílabo. Em relação aos fofoqueiros de plantão ele podia ser comparado a um santo.

O jeito bizarro evidentemente o afastava dos bate-papos. As crianças tinham medo dele. Os mais crescidinhos zombavam do pobre homem, porém, ele simplesmente ignorava, não dava trela.

Mas, no fundo, parecia ter uma boa alma. Não era burro, pelo contrário. Transparecia uma faísca de gênio incompreendido. Não era insolente e nem bajulador. Na maior parte do tempo não ria, não chorava. Quem sabe tivesse botox no coração. Deveria ter perto de 40 anos quando morara na Rua Iracema.

Armando não encontrava paz em seus sonhos. O ritual da briga com a própria sombra era ímpar, indescritível. Era o momento quando ele ficava com os nervos à flor da pele. Ele batia com as palmas na sombra projetada na parede da casa ou então usava um pedaço de pau tentando surrar aquela imagem impalpável, imaterial. Isso também acontecia à sombra do luar.

Uma cena patética e triste, lamentável. Alguns, ignorando o sofrimento, riam. Outros ficavam observando para ver quanto tempo duraria aquela maluquice e qual seria o desfecho. As crises não duravam muito. Logo abandonava a briga inútil, mas a retomava quando menos se esperava. Essa cena podia se repetir durante um passeio qualquer, enfim.

Após a crise se recolhia para o quarto, encabulado. Mas quando menos se esperava lá estava ele novamente se engalfinhando com a sombra.

O castigo imposto a si do matungo era idêntico ao que os oficiais aplicavam aos soldados relapsos durante a Guerra do Paraguai. Armando amarrava um saco com algum peso nas costas, ficava de quatro no chão como um cavalo e saía “troteando” pelo quintal até exaurir suas forças.

O irmão dissera que Armando era um caso perdido. Os médicos apenas podiam aliviar as crises com medicamentos fortes, mas nem sempre ele os tomava corretamente. Era triste vê-lo em dias ruins. Quem tivesse um pingo de consciência não desejaria aquela patologia ao pior inimigo.

Quando jovem Armando fora um requisitado baterista em São Paulo. Havia rumores segundo os quais as drogas pesadas o teriam

deixado daquele jeito. Dopado e bêbado teria causado um grave acidente de carro onde um de seus amigos teria tido uma seqüela permanente. A culpa teria desencadeado o transtorno.

Como Ophelia, ou simplesmente “O”¹⁶, em *Selvagens*: “(...) As drogas são uma resposta racional à insanidade (...)”.

Curioso, a doença, por outro lado, não prejudicou o gosto refinado pela música. Não tocava mais bateria, mas gostava de ouvir a sinfonia nº 9 de Beethoven e outros clássicos em um toca-fitas, além de rock da melhor qualidade e as canções de Cartola e Raul Seixas.

Durante parte do tempo ficava dentro de casa, em silêncio, em reclusão. O rádio e a televisão não o distraíam, mas a música no toca-fitas sim. O aparelho de tevê para ele era apenas uma caixa de onde apareciam imagens e saíam vozes. Ele já ouvia vozes demais em sua cabeça perturbada...

Cozinhava o arroz com feijão e alguma mistura com legumes e verduras, limpava a casa, lavava e passava as poucas roupas suas e do irmão como uma dona-de-casa prendada. Lidava com a horta mesmo com o Sol a pino, horário impróprio.

Talvez fosse indomável como Beethoven e, quem sabe, a música libertasse seus sentimentos e acalmasse seu espírito. Não há limites para o espírito humano... Cuidava também de um pequeno jardim com rosas e bromélias em frente da casa.

Comentara certa vez, em tom enigmático, que o espaço verde da casa dele era o seu Jardim de Getsêmani¹⁷ e ali mastigava a planta do desespero e a raiz amarga do arrependimento.

Ocasionalmente um cheiro de erva rompia as janelas da casa... Ele dizia que a fumaça é o alimento da alma...

Queixou-se, casualmente, que se sentia um parasita perdido no tempo inclinado a fazer coisas idiotas.

Uma vez um sujeito quis lhe dar conselhos e ele retrucou:

- Para mim, só existe o agora. Temos que perdoar nossos irmãos porque somos ridicularmente imperfeitos...

O rapaz respondeu com um sorriso sem graça, desconcertado.

Em dia de chuva ficava de boca aberta para o céu e gostava de dar bocadas a esmo como se estivesse comendo vento. Explicava o

¹⁶ Papel interpretado por Blake Lively.

¹⁷ Local onde, segundo relatos bíblicos, Judas teria levado os soldados para prender Jesus.

motivo dessas manias: gostava de sentir o refrescante pingo da chuva dentro da boca e queria saber que gosto o vento teria...

Armando ficara menos de um ano no bairro. Num final de semana ele e o irmão se mudaram e desapareceram do mapa sem deixar notícias. Nunca mais foram vistos em Dourados. Distribuía as flores entre as vizinhas, deixara a horta produzindo e quando se despedira dissera:

- Como este mundo é maluco! Quem sabe um dia eu morra comendo mandioca-brava!

Afirmara ainda, em tom de profecia, que quando o tempo e o momento se unirem os dois lados serão únicos...

E que quando duas sombras se unirem a vida prosperará e não haverá mais mortes... Coisas de doido...

O mundo havia se tornado estranho para ele.

- Estou esperando o barqueiro me buscar para atravessarmos o rio da morte! Eu sou o sal que perdeu o sabor, não sirvo pra nada – afirmara em tom depreciativo.

Dissera que uns nasceram para serem professores, outros médicos, e ele viera ao Mundo para confundir...

Ele certamente queria ser feliz, mas não sabia como. Era uma pessoa na escuridão à procura de luz. No entanto, algumas vezes tinha-se a impressão que ele desejava transferir algo diferente, revelador, mas era difícil entendê-lo.

Deixara uma mensagem aos vizinhos:

- Viva os loucos, os loucos pela vida, os loucos para dizer alguma coisa, aqueles que querem tudo ao mesmo tempo e não têm nada, os desconexos, aqueles que queimam como fumaça de incenso!

X

Outra figura rara, o Júlio, gostava de poesias e rascunhava textos bonitos, mas temia a opinião alheia como o diabo fuge da cruz. Não tinha a mínima tolerância para a crítica aos seus ensaios.

Trabalhava como vendedor; tinha esposa e dois filhos pequenos.

Bem ao estilo do vendedor eficaz, tagarelava mais que o homem da cobra. Defendia-se contra aqueles que o achavam um vendedor trapaceiro.

- A gente não caça dinheiro. A gente forma clientes!

Quando tomava umas pingas aí ficava louco de pedra, revelava o lado “maluco beleza” dando um showzinho particular: dançava na rua e recitava poemas em voz alta; às vezes parecia que estava gritando com o invisível ou tomado pelo espírito dionisíaco.

Transformado, não se importava com quem estivesse ao seu lado e com o julgamento alheio, embora não fosse agressivo. Apenas tagarelava, tagarelava tomado pela veia poética. Mas não podiam pôr defeito na poesia dele, pois, aí era como chamá-lo para a rinha. Ele removia argumentos possíveis e inimagináveis para convencer o rival e se o mesmo não tivesse conhecimento literário não conseguia acompanhar a retórica.

Fazer a crítica pela crítica simplesmente, sem base, era imperdoável para ele porque “tudo que me sai da cabeça é obra-prima, coisa inédita, intangível, fluído de gênio”, argumentava sem nenhuma modéstia.

Imagine car@ leit@r a cena: o artista dançando sozinho na rua, no bar ou no quintal de casa, fazendo do ambiente um palco a céu aberto, com um copo de cachaça em uma das mãos, e na outra o caderno com seus escritos ou um livro de poesias de algum autor consagrado cuja leitura era feita com vibração e paixão incomuns... Realmente um cenário estranho para aqueles pobres suburbanos que pouco ou quase nada conheciam de poesia...

Naqueles momentos, pelo menos em casa, a esposa e os filhos não se atreviam a botar a cara para fora porque ficavam sem jeito, envergonhados. Mas também não se intrometiam, deixavam-no à vontade porque não tinha outro jeito... O show nunca era demorado. De repente caía em si, parava e se recolhia e não se ouvia mais a voz intrépida. Talvez encerrasse o espetáculo mais rápido por falta de plateia...

Certa feita, defronte a casa dele, alguns rapazes aplaudiram-no e nesse dia o showzinho fora mais prolongado. Outra vez chamaram a polícia...

Sóbrio agia como se nada tivesse acontecido e não tinha vergonha, arrependimento ou a preocupação de se desculpar. Quando

lhe comentavam sobre o fato ele simplesmente perguntava com cara de paisagem:

- E aí, o que tu achaste? Se gostares ou não guarde para si... Eu nem quero saber...

Afirmava que a sua casa era o particular “Montinho Parnaso”¹⁸ e que em noites de bebedeira e sarau recebia a visita de Apolo, Baco, Fernando Pessoa, Vinícius de Moraes, entre outros, numa profusão lírica.

Uma de suas poetisas preferidas era Francisca Júlia da Silva¹⁹ por causa do apelo ao budismo, à caridade, à fé, e a vida após a morte. Ele insistia, inutilmente, em entender o mundo nos mínimos detalhes.

Um quadro na sala da casa dele tinha esta poesia de Francisca:

A um artista

*Mergulha o teu olhar de fino colarista
No azul: medita um pouco, e escreve; um nada quase:
Um trecho só de prosa, uma estrofe, uma frase
Que patenteie a mão de um requintado artista.*

*Escreve! Molha a pena, o leve estilo enrista!
Pinta um canto do céu, uma nuvem de gaze
Solta, brilhante ao sol; e que a alma se te vaze
Na cópia dessa luz que nos deslumbra a vista.*

*Escreve!... Um céu ostenta o matiz da celagem
Onde erra o sol, moroso, entre vapores brancos,
Irisando, ao de leve, o verde da paisagem...*

*Uma ave banha ao sol o esplêndido plumacho...
Num recanto de bosque, a lamber os barrancos,
Espumeja em cachões uma cachoeira embaixo...*

Júlio tinha um receio meio tolo, inexplicável, em mostrar seus escritos. Talvez fosse insegurança, mas, no fundo, apesar da riqueza

¹⁸ O Monte Parnaso, no centro da Grécia, de acordo com a mitologia, seria uma das residências do deus Apolo e de suas nove musas.

¹⁹ Poetisa brasileira do Parnasianismo e Simbolismo.

da argumentação em momentos inspiradores, não sabia explicar direito o motivo da preocupação extrema ou o que o seu ego queria dizer. Temia a chacota ou a reprovação. Embora às vezes se mostrasse confiante dizendo que seus escritos eram um primor, desconfiava que eles não tivessem valor literário, fossem inexpressivos.

Esse receio era um exagero desnecessário, porém, para ele, ser eventualmente ridicularizado seria a morte... E havia evidentemente esse risco.

Paradoxalmente, em momentos de soberba, revelava o lado megalomaniaco: dizia que seus poemas teriam que ficar bem guardados a sete chaves e só ele poderia recitá-los porque ele, e mais ninguém, tinha o controle da energia de suas palavras. Declamado por terceiros seu verbo poderia despertar fúria, polêmica, histeria coletiva e algo talvez pior a exemplo de *Os Sofrimentos do Jovem Werther*²⁰ cujo conteúdo teria sido responsável por uma onda de suicídios na Europa no século XVII de tão profundo que o autor fora em suas palavras.

Não gostaria de ser responsabilizado por algo assim...

Lúcio tentou emendá-lo quando ouviu esse tipo de baboseira:

- Menos, menos meu caro...

- Que nada! Eu não preciso falar, sou capaz de estender meus pensamentos na mente de uma pessoa como se fossem lençóis!

Tinha medo de ser rotulado por leitores como bruxo frenético ou sujeito pobre de ideias...

É, parafraseando Machado de Assis, bem que o vício pode ser mesmo o estrume das virtudes...

Preocupava-se também com a possível invasão do lado artístico em seu ambiente de trabalho onde prevalecia a lucidez e não havia espaço para a loucura. Afinal, precisava ganhar dinheiro para o seu sustento como a maioria dos pobres mortais. Não queria perder o emprego. O lado pirado era apenas na mercearia do seu Domingos, em casa, na Rua Iracema ou outro lugar que se sentisse seguro.

Fora isso desejava ser um sujeito normal, etiquetado. No serviço era benquisto e em casa era carinhoso e atencioso com a esposa e os filhos apesar do comportamento maluco. Sempre era visto se divertindo com os filhos jogando bola, brincando de pique, de

²⁰ Romance escrito por Johann Wolfgang von Goethe datado de 1774.

bolinha de gude. Lia poemas mais brandos para os meninos, incluindo Monteiro Lobato e Lygia Bojunga.

Como entender uma pessoa assim car@ leit@r?

Faltava-lhe coragem ou sobrava-lhe poesia?

Ou um artista ambíguo e confuso como tantos outros?

Como fora dito, nas rodas de cerveja esbanjava cultura, ironia e controvérsia, pois, para ele, houvera um tempo em que se acreditara nas palavras... Sonhava ser um proeminente poeta com bastante dinheiro, vida de luxo e extravagâncias. Dissera que antes do Mundo acabar viria visitar os amigos em uma reluzente *limusine*.

Todos caíam na gargalhada...

- Se vocês quiserem ver seus sonhos se concretizarem vão construindo-os devagar e continuamente... – afirmava.

Talvez a vida, para ele, fosse dividida entre realidade e ficção interposta por bloqueios na criatividade...

Não dava para entender se a arte seria um dom, um exercício, um vício ou um propósito para a fama, para satisfazer o ego.

Todo artista, no fundo, deseja conquistar notoriedade.

XI

Laura havia deixado a faculdade após o casamento e assim que nascera o filho deixara o trabalho para se dedicar à lida da casa e ao rebento. Lúcio tinha um emprego comum, ganhava razoavelmente e sempre tinha a oportunidade de fazer frila.

Lúcio lia tudo que lhe caía às mãos, desde bulas de remédio. Não havia escalado nenhuma montanha de conhecimento, longe disso, mas se dizia vacinado contra pensamentos ridículos, embora às vezes se divertisse com a idiotice alheia. Podia-se entendê-lo como um ser com espírito remediado oscilante, mas gostava de contrapor Ludwig Wittgenstein²¹: pode haver verdade fora da matemática.

Desde pequeno fora vidrado em gibis, particularmente no *Mortadelo e Salaminho* e *Miopinho*.

²¹ Filósofo austríaco e naturalizado britânico considerado um dos principais intelectuais responsáveis pela virada linguística na filosofia do século XX.

Aos cinco anos passeava de mãos dadas com a mãe pelo comércio de São Paulo olhando fascinado para a poluição visual. Queria saber o que informavam os painéis e enchia a mãe de perguntas. Aos seis anos entrara na escola e aprendera a ler. Aí andava a passos de tartaruga pelas ruas com a cabeça virada para cima sendo praticamente arrastado pela mãe.

Em casa uma das revistas a ler fora *Família Cristã* e uma série de livros coloridos com bonitas gravuras sobre a vida de Cristo. O livro *Sem Família*, de Hector Malot, tema de um trabalho de Português na adolescência, lhe tocara profundamente o coração talvez pela ausência do pai.

XII

Naqueles idos dos anos 80 na mercearia do seu Domingos, Júlio comentava sobre os autores locais citando Armando Carmello, João Augusto Capilé Jr., Liberato Leite Farias, Weimar Torres, José Pereira Lins, Altair da Costa Dantas, Camilo Ermelindo, Emmanuel Marinho, entre outros.

Eis um dos seus versos que ele mostrara num momento de rara despreocupação:

*Minha mente pira em pirar
E avista naufragada
A minha urina mijar
Minha íris mira fogo potoqueiro
Onde a água trapaça
Água safada de olhar
Esconde no jogo de usança
Na doce noitada afugentada
Na política malograda
Da finita fita da manhã
Já suada na azáfama de não alegrar
A baba escorrendo a sua inveja...*

Maluco, não car@ leit@r?

O Júlio se mudara pouco tempo depois. A maioria dos moradores não permanecia por anos na Rua Iracema e, entre os adultos, quase ninguém era douradense da gema. Rotatividade marcante, gente vinda de outras regiões tentando iniciar uma nova vida e, não raramente, sem obter o resultado esperado migrava em busca de novas oportunidades.

Júlio mudara-se para Curitiba e após algum tempo mandara notícias. Estava trabalhando na venda de seguros. Podia ser louco, mas não era bobo. Sabia ganhar dinheiro.

Os homens, invariavelmente, procuram fazer algo diferente, mas acabam fazendo as mesmas coisas.

Armando e Júlio, talvez, tenham conseguido fazer algo variado à maneira deles.

Júlio se esforçara para provar que a poesia era tão necessária quanto o ar.

Lúcio, durante um domingo, reuniu em sua casa além dos amigos de sempre, o Júlio, o Armando, o irmão do Armando, o Aparício, além do Alimério.

O Júlio depois de tomar umas e outras se excitara na sua exaltação poética e o Armando, em dia bom, sem crises, se desmanchava de rir. Fora uma das raras vezes em que gargalhara até verter lágrimas segundo o próprio irmão.

Talvez tivesse deduzido que estava diante de um sujeito mais maluco do que ele...

Nesse dia houvera um debate interessante entre o Júlio e o Alimério. Em dado momento o papo enveredou-se para a religião e Alimério, com cultura sólida e amante da filosofia, dissera ao Júlio que Cristo não estava enterrado em Jerusalém, mas na cidade de Srinagar, no Estado de Caxemira, ao Norte da Índia.

Todos arregalaram os olhos, estupefatos.

- Quer dizer que Cristo não morreu na cruz? – perguntara Júlio.

- Não, segundo uma pesquisa inquietante – respondera Alimério.

Alimério relatara que os ferimentos sofridos por Cristo durante a crucificação não teriam sido mortais, embora insuportáveis. Quase morto, José de Arimatéia, tio de Jesus e muito rico, teria ido a Pilatos e pedido o corpo para ser sepultado. Pilatos atendeu-o, pois, sabia que Cristo era um inocente.

Arimatéia teria constatado que o sobrinho não tinha morrido. Rapidamente organizou uma caravana e teria subornado os guardas para espalharem notícias de que Cristo havia ressuscitado. A caravana teria seguido pela Antiga Palestina e viajado a Caxemira com destino ao Himalaia, mas Cristo teria falecido em Srinagar e aí fora enterrado. Há um monumento modesto para preservar o túmulo, no bairro de Rozabal.

- Isso não é nenhuma novidade – dissera Alimério.

Depois ainda mencionara o livro *O Segredo do Anel – O Legado de Maria Madalena*, de Kathelenn McGowan, onde consta que Maria Madalena fora esposa de Jesus Cristo.

Para aquele grupo leigo em assuntos religiosos essas informações eram estonteantes. Júlio quis teimar dizendo que eram apenas boatos, dados sem comprovação científica, mas naquele momento prevaleceu mais o dito pelo Alimério.

Mudaram a prosa depois que o Armando, com a voz pastosa, saiu com esta:

- O Cristo enterrado na Índia arranhou a minha superfície esponjosa... Por que escondem isso? Por que a Igreja não fala nada? Vou mandar uma carta para o Papa!

- De qualquer forma vamos agradecer o bom Deus por estarmos aqui se divertindo entre amigos – intercedera o JS para esvaziar a discussão.

O Alimério ainda emendara:

- O tédio sim é um rico fertilizante para pensamentos absurdos!

Naquele domingo as patroas juntaram as panelas. Laura fizera lasanha e arroz de forno; a esposa do Júlio, maionese e outros petiscos. JS e Miguel cuidaram do churrasco e Lúcio da cerveja gelada. Os dois irmãos, Armando e Aparício, ficaram no tereré. Teve pirão e Laura serviu sopa paraguaia crocante feita pela mãe dela.

O domingo passou na velocidade de Pégaso²².

Foi uma faceirice só.

Mais faceiros que cachorro brincando com o próprio rabo.

²² Cavalo alado símbolo da imortalidade na Mitologia Grega.

XIII

O Alimério tinha a alma e a percepção de um historiador. Era sem dúvida um estudante diligente. Devorava livros, alma sedenta por saber, ainda mais em se tratando de títulos sobre Dourados e MS.

Apaixonado pelo regionalismo sul-mato-grossense.

Fala fluente, vivia chamando a atenção para um fato inquietante no âmbito local: Dourados precisa encontrar as verdadeiras raízes históricas enquanto há tempo e ascendentes de pioneiros lúcidos. Não há relatos e estudos de fôlego e em alguns casos há distorções graves sendo perpetuadas.

Ele citava, como bibliografia de apoio para essa pesquisa homérica, a *Memória Fotográfica de Dourados*, da professora Regina Heloiza Targa Moreira; *Viajantes da Ilusão*, da jornalista Maria Goretti Dal Bosco em parceria com o jornal *O Progresso*; *Monografia de Dourados*, de Ercília Pompeu, entre outros poucos estudos.

- Mas falta mais, muito mais...

Cobrava o resgate objetivando, entre outras possibilidades, compreender melhor o hoje social, político, geográfico, cultural, arquitetônico e econômico.

- Temos o dever de estudar os nossos fatos, tradições, conflitos, dificuldades, transformações, atrasos e avanços sobre diferentes aspectos; enfim, fazer o nosso dever de casa, o estudo do homem douradense e seu tempo.

O cidadão contemporâneo minimamente interessado conhece pouco sobre a própria gênese por falta de pesquisas inteligentes, bem orientadas, arrojadas, coerentes e éticas, comprometidos com a verdade e nada mais.

- É preciso devolver a visão aos cegos no tocante a esse assunto! – dissera.

A pesquisa requer densidade, técnica e determinação “como se extraí ouro e diamantes brutos”.

Alertava que há livros apresentados nas escolas fundamentais sobre a história local com uma versão equivocada sobre a fundação.

A informação, só para exemplificar, segundo a qual Marcelino Pires é o fundador da cidade porque doou parte das suas terras para a criação do núcleo urbano não é de toda verídica ou, no mínimo, requer uma explicação mais honesta. Marcelino houvera se apossado de

terras devolutas como se fazia comumente na época, ou seja, terras do Governo, do povo, então ele não pode levar o mérito de iniciador.

Já existiam famílias residindo no povoado *São João de Dourados*.

Especula-se que o mesmo teria oferecido à área em troca da regularização do restante de suas terras. Joaquim Teixeira Alves não concordava com a extensão porque invadia sua propriedade.

Portanto, a legítima origem ainda está longe de ser conhecida.

- Como se doa algo que não lhe pertence? – questionava.

Não se sabe quem fora o morador que erguera a primeira taipa.

Existiram conflitos sangrentos pela posse das terras e a Companhia Matte Laranjeira está diretamente envolvida porque a emancipação prejudicaria seus negócios, isso anos após a chegada dos primeiros aventureiros.

Se as crianças estão sendo mal informadas há de se temer o amanhã como uma folha ao sabor do vento, sem rumo.

Os dados sobre a história deveriam ser sólidos como uma sequoia.

Os índios Guaranis, Terenas e Kaiowás, nômades, perambulavam pela região antes da chegada dos não índios e ainda estão por aqui. Quem sabe o primeiro morador tivesse virado comida de onça, tivesse sido picado mortalmente por uma serpente, tivesse sido acometido por epidemias, levado uma flechada certa...

É importante se saber isso e não se sabe e talvez nunca se saiba...

Dourados teria sido ponto de repouso dos carreteiros que levavam erva-mate para Concepción, no Paraguai.

- Tem muita gente pensando que isto aqui fora fundado por gaúchos, mas certamente não fora... Provavelmente os fundadores seriam mineiros, paranaenses, paulistas ou cuiabanos... Os gaúchos foram para a fronteira... – opinara.

O ato de fundação é um gesto essencialmente humano e não político!

A fundação depende do ser humano que chega e fica!

A prefeitura tem a obrigação de promover o resgate e não se acomodar com os relatos disponíveis. Poderia inclusive aproveitar o momento para um *start* político para reforçar a consciência cidadã e ambiental.

Certamente daria um bom debate esse tema. O gestor público poderia tirar vantagens ao incentivar grupos de estudos com esse desafio... Mas não, fica aí consumido pelas demandas factuais e com os votos da próxima eleição...

- Deixaram as mentiras e meias verdades tomarem de conta e, assim, jamais vão se preocupar com a nossa identidade. Cegueira, cegueira total! Perderam a capacidade de enxergar a nossa história e o povo fica perdido, sem identidade, sem saber se é Mané, José, Josué ou o que é que é!

Alimério tinha vontade de sair numa aventura quixotesca vasculhando arquivos, entrevistando e fuçando tudo o que estivesse ao alcance.

Mas, sem dinheiro, precisava trabalhar para se sustentar e bancar os estudos, assim como outros pobres cidadãos que mal têm tempo para se preocupar com isso.

Na própria faculdade não há uma linha de pesquisa com esse foco, reclamava.

- E quanto mais o tempo vai passando o assunto mais vai se perdendo, caindo no esquecimento...

Uma prova inaceitável do descaso oficial é o tratamento dado ao aniversário da cidade, 20 de dezembro, uma data sacrossanta.

Isso, segundo ele, reforçou, na contramão da história, a campanha dos lojistas para acabar com o feriado do dia 20 de dezembro porque a data fica perto do Natal. O lucro está sendo posto na frente, como se o vil metal fosse mais importante do que todo o trabalho e a articulação política feitos visando à emancipação político-administrativa do Município...

Santa ingratidão!

- Para esses, a história que se lasque! – esbravejava.

Os comerciantes não querem ver as lojas fechadas no dia 20 sob a alegação de que sendo feriado as pessoas viajam para fazer compras no Paraguai.

Simples assim...

Parece não existir fiscalização contra o descaminho e o contrabando...

Precisa-se mutilar a história para atender a cobiça capitalista?

O comércio ficaria enfraquecido por causa do único feriado histórico?

Haveria menos oferta de emprego?

Balela...

Douradense não precisa esperar feriado para fazer compras no Paraguai.

Basta ir aos camelôs no centro concorrendo com os próprios lojistas sem correr o risco de ser abordado pela fiscalização na rodovia e ficar sem nada.

Alimério ficava irado com essa desculpa esfarrapada. Isso ajuda a sepultar ainda mais os ideais da orgulhosa, valorosa e esquecida comissão de emancipação dos anos 30...

Nunca mostraram dados do tal prejuízo irreparável para a economia local caso o comércio permanecesse fechado.

O feriado, desde 1935, com direito a desfile e atividades cívicas exaltando a principal data de Dourados, passou a ser desrespeitado a partir dos anos 80.

É como se apagar o dia do aniversário de uma pessoa...

Pior que isso! De uma cidade!

- O civismo é inerente ao próprio nascimento de uma localidade porque é a sua alma! – dizia o solitário Alimério.

Ele imaginava o primeiro aventureiro chegando, levantando corajosamente a taipa ou rompendo as densas matas virgens a cavalo e em carros de boi trazendo a família, parentes, agregados, enfrentando toda sorte de dificuldade atrás das terras tão fecundas como as da Ucrânia...

- Quem será que aqui chegou primeiro e depois divulgou as boas novas atraindo outras pessoas? Eu gostaria muito de saber...

As autoridades há muito têm sido omissas nessa questão.

Toda cidade tem um fundador, normalmente com estátua na praça principal. Em Dourados isso não existe. Tem a do tenente Antônio João cuja história é outra e de um colono sem rosto.

E o brasão do Município, totalmente fora do contexto histórico e geográfico, com a frase “Dourados Terra de Antônio João”?

O professor-historiador Carlos Magno Mieres Amarilha, encabeça, em 2013, a Comissão de Revisão Histórica para tentar consertar pelo menos esse absurdo. Ainda bem... Ele é da gema...

Dourados não tem um grande herói.

Mas têm pequenos heróis do dia-a-dia como os socorristas, policiais, médicos...

Suprir, como fora o caso, o vácuo de forma empírica e ao sabor da camaradagem político-militar da época de chumbo pelo herói da Guerra do Paraguai revestiu-se, no mínimo, em descuido grave.

Faltaram academicismo e latente espírito douradense.

O erro já se arrasta por mais de 40 anos...

Amarilha propõe, em seu estudo, o dístico “Dourados Terra de todos os Povos e de todas as Cores”.

Já se permitiu a demolição do prédio da primeira prefeitura, do Clube Social cedendo aos interesses da valorização imobiliária...

O que mais ainda farão para destruir a história douradense?

Triste destino do Clube Social, palco nos anos 50, 60 e 70 de carnavais, bailes, concursos de miss, programas de palco com talentos musicais e diversos eventos da sociedade. O *point* virou pó.

Isso poderia estar preservado para as novas gerações...

O Presidente João Goulart fora recepcionado nesse lugar.

Quanta memória jogada no lixo pelos bárbaros, pelas aves de rapina!

Por vários anos a cidade sequer tivera um museu.

Assim não há como alimentar a autoestima, se fincar um mínimo de raízes...

- O passado se torna presente e o presente se tornará o futuro! – lembrava Alimério.

Entre os prédios antigos sobraram apenas, não se sabe até quando, as ruínas da Usina Velha. Pelo menos a usina sobreviverá nos versos da Heleninha de Oliveira²³.

Alimério estava coberto de razão.

Os cidadãos devem ser fiéis à História em espírito para se tentar tocar seus próprios corações e não infiéis como em Dourados...

- É preciso fazer com que Dourados sinta orgulho de si mesma! – salientava.

A cidade só foi ganhar um teatro na década de 90, mas a programação cultural, para variar, é fraca, raquítica, sem nenhum impacto.

Tristeza cultural.

Tesouro perdido no túnel do tempo.

Fica aqui registrado o desabafo.

²³ Poetisa local.

XIV

O primeiro presidente da Associação de Moradores fora o Benê, um montanhês corpulento e bom de prosa, político ao jeito dele. No cumprimento de seu dever sempre estava atrás das autoridades pedindo melhorias para o bairro. Apesar de ter se candidatado em quase todas as outras eleições, nunca mais fora eleito. Coisas da política. Pelo menos ele fora insistente.

Perto da esquina de cima, na mesma quadra do Lúcio, estabeleceu-se um grupo bastante animado. Primeiro apareceu o Simão, o veterano. Ele fora padrinho do primogênito do Lúcio.

Depois ocuparam as duas casas de baixo o Fernando e o Renato, irmãos. Fernando morava com o pai, o seu Juca; e o Renato com a esposa e filhos.

Fernando tinha um papagaio bem animado, o Brad Pitt.

Quase todo final de semana tinha churrasco na casa de um deles. Já nessa fase não aconteciam mais festas na casa do Lúcio com a mesma frequência de antes porque o JS se casara e o Miguel aparecia mais durante os dias úteis da semana. Resultado: Lúcio engajou-se, por sinergia, ao novo grupo, atraído mais pelo compadre. Havia compatibilidade de ideias, ambiente fértil para a amizade sincera.

Nenhuma festa é ruim quando se começa a beber...

Passado algum tempo mudou-se para perto o pedreiro nordestino Zé cuja empolgação era excepcional. Eram pessoas que marcaram muito a rua por determinado período até, como sempre, o tempo por fim à folia. Dizem que o caminho do inferno é largo e do céu bem estreito. Aos domingos não tinha jeito. Logo cedo começava a movimentação para a festa, mas ninguém convidava para a missa...

Quando um não aparecia para compartilhar os demais iam atrás para ver o que tinha acontecido. A predisposição, no entanto, nem sempre acompanhava a disponibilidade financeira. Acontecia de ninguém ter dinheiro num determinado domingo para a patuscada.

Certa feita o churrasco fora de bago de boi e caipirinha, um fiasco. Melhor seria se tivessem ficado no arroz, feijão e macarrão. Entre 20 boas festas havia o desconto de uma não sair do agrado, mas pelo menos o Simão, o Zé, o Lúcio e o Fernando não se apartavam.

Aquele bago de boi assado virou piada. Parecia borracha, não havia quem conseguisse mastigá-lo...

Como o corvo de Poe: “nunca mais”...

Já o coração de boi era rotineiro porque além de saboroso era acessível, assim como a costela. Um toco de madeira na rua podia inspirar um tição... Aquele povo não tinha preguiça para festejar...

Lógico que assavam picanha e outras carnes nobres quando havia dinheiro para a vaquinha mais generosa. As famílias, obviamente, acompanhavam o rega-bofe. Nos finais de ano a festa era farta. Pelo menos uma noite eles passavam todos juntos comendo, bebendo, ouvindo música, conversando e dançando. Não havia tristeza.

O Fernando tinha uma coleção quase completa do Raul Seixas e muitos elepês sertanejos e de chamamé. O Zé possuía, igualmente, uma discoteca bem eclética.

Numa dessas oportunidades Lúcio pusera para rodar uma fita-cassete com a música *Pulso* e, extrovertido e bem humorado ouvindo pela primeira vez a composição, Zé ficara “abestado” com o tanto de moléstia relacionada na letra do Titãs... Quisera ouvir outras vezes...

Num belo domingo, num gesto de atrevimento, eles colocaram a churrasqueira em frente à casa do Zé, na calçada. Um vizinho caminhoneiro perfilou o FNM protegendo a churrasqueira e ali ficaram da manhã à noite. Difícil saber quem teve essa ideia porque sempre se reuniam nos fundos, mas talvez tenha sido inspirada no advogado gaúcho lembrado pelo Lúcio.

Até o sorveteiro passando pela rua, convidado, parou para comer carne quentinha e succulenta enquanto a criançada se fartava com os picolés. Não teve miséria. Amigos, parentes postiços e confidentes. Uma célula muito divertida e unida como unha e carne. Quando há amizade não há terreno minado...

A amizade talvez seja a coisa mais valiosa que um homem possa ter. Vale mais que o dinheiro, terra, carros, patrimônio, ouro, enfim. Ela pode ser a única coisa que você jamais esqueça em toda a vida e pode durar para sempre...

Uma vez o Zé comprara uma piscina de plástico para as filhas, mas depois de umas e outras ele botava as crianças para correr e entravam os marmanjos se refrescando do calor e tomando cerveja.

O Renato não acompanhava em tudo, mas os outros quatro eram como os Três Mosqueteiros festeiros da rua sem a necessidade

de defenderem nenhuma coroa. A única coroa era a tampinha da garrafa de cerveja...

Rolava uma energia saudável entre eles, forte e respeitável. Apenas o Fernando não era, até então, casado.

O Simão, experiente da caserna, tinha uma facilidade incrível no preparo da carne e na lida com a cozinha. Era uma espécie de rei do fogão. Fazia uma comida simples, pratos típicos da fronteira, tudo muito saboroso. O Fernando e o Renato também tinham prática na coisa. Cozinheiro não faltava. As mulheres agradeciam...

Simão tinha informações privilegiadas sobre o esquema de contrabando da fronteira e mesmo sem citar nomes e detalhes porque não era tolo, esse tema aguçava a imaginação dos que o ouviam. Havia atuado em operações específicas e não era, longe disso, nenhum X-9. Falava com cautela sobre o tema contando o milagre, mas nunca o santo.

Se em Dourados cada esquina escondia um segredo naquela época, podia-se afirmar que em Ponta Porã e Pedro Juan Caballero cada palmo de terra teria muito mais mistérios escondidos debaixo de muitas e muitas camadas de chumbo e sangue...

O Zé quando dizia que ia queimar uma costela e tomava a iniciativa de cuidar da churrasqueira ele deixava mesmo queimar a carne... Com a cabeça mais para cerveja do que para o assado acabava perdendo o foco e aí assumiam o comando o Simão ou o Fernando para evitar estrago maior... O Lúcio só ficava ciscando em volta...

Por esse período surgiram dois primos bem suspeitos que facilmente se infiltraram no meio e acabaram convivendo com a turma. Eram o Isaby e o Isailton, este, diziam, havia cumprido pena por tráfico e aquele seria um assassino frio e ladrão de veículos, principalmente caminhonetes.

Isaby tinha a morte nos olhos...

Apesar do perigo e de só andarem com revólver na cintura, nunca fizeram mal para a turminha animada. Pelo contrário. Eles gostavam da farra e parece que protegiam aquelas pessoas contra outros malfeitores. Mas também não seriam bestas de arrumar encrenca justamente com os vizinhos, pois, sabiam muito bem onde estavam pisando... Brincavam com as crianças como crianças adultas e compartilhavam das casas como bons amigos, de forma respeitosa.

A temporada deles na rua fora curta. Pouco tempo depois o Isailton fora morto a tiros em uma briga no bairro, mas não na Rua

Iracema. Já o Isaby acabara sendo preso em um bar a uma quadra acima da mercearia do seu Domingos porque havia um mandado contra ele por crime cometido em Campo Grande. Na penitenciária morrera esfaqueado por outro presidiário durante uma confusão.

A vizinha do Simão criava galinhas no quintal e volta e meia ela reclamava o sumiço de uma ou outra. Não se esperava pelo Sábado de Aleluia. Eram os primos em ação para reforçar a galinhada coletiva dos Três Mosqueteiros que não sabiam a origem suspeita das aves... Os primos moravam justamente uma casa acima dessa senhora, então era só pular o muro à noite...

Engraçado: ela também participava do rega-bofe e nem desconfiava... Ou se desconfiava fazia de conta que não...

Durante uma confraternização de final de ano na casa do Zé, lá pela madrugada, ele não se aguentava de sono, queria dormir, mas não encontrava jeito de mandar embora os “finais de festa”, no caso, o Fernando e o Lúcio, legítimos esponjas na arte de bebericar cerveja. Fernando disse ao Zé que ele podia ir dormir tranquilo que eles continuariam ali cuidando das coisas e da casa.

Que nada. Os dois estavam sim é de olho gordo no freezer cheio. O Zé entrara, mas cinco minutos depois retornara à varanda dizendo que também ia ajudar a cuidar das coisas... Logo clareou o dia de Natal e os três foram para a calçada ver o crepúsculo. Passaram o dia na orgia.

O casal que se mudara uma casa acima da do Lúcio se tornara igualmente muito amigo. Eles foram padrinhos de batismo do segundo filho do Lúcio nascido quatro anos após o primogênito.

Lúcio e Laura, na mesma missa, se tornaram padrinhos do primogênito deles.

No quintal dos fundos havia um portão de madeira improvisado ligando as duas casas. Algum tempo depois eles se mudaram para o interior de São Paulo e volta e meia um visitava o outro. Essa vizinha ajudou a cuidar do segundo rebento da Laura e por isso havia um sentimento de gratidão, de débito, de forte amizade.

O calor humano recíproco fora abundante entre aquelas pessoas, daí o fato da Rua Iracema ter sido um ambiente especial naqueles anos, muito diferente da feiura dos tempos de outrora.

Devem existir, por aí afora, outras comunidades parecidas, mas dificilmente haverá uma com o mesmo querer bem como aquela dos anos 90. Ali, se fosse preciso, todos iam para a briga por um propósito

comum e os mais chegados se preocupavam de verdade com os próximos como irmãos, como uma família independente de religião, raça e situação econômica. Era um sentimento sincero, fraterno, ramificado e fortalecido naturalmente no convívio do dia-a-dia.

Um ou outro morador não se enturmava, ficava no canto dele e ninguém, obviamente, o incomodava.

- De chatos já bastam nós – costumava dizer o Lúcio.

São particularidades, fascículos da vida bairrista, pessoas se conhecendo e se relacionando por aproximação, afinidade, interesse, referência, compatibilidade da epiderme, de gênio, estabelecendo, enfim, um elo.

A fofoca, a inveja, a intriga e a intolerância conviveram - não se pode negar - no mesmo espaço e dentro de um determinado contexto podiam até atrapalhar, mas entre a turminha do barulho, literalmente afinada, isso parece que não existia. Se existia, não era relevante, não transparecia, não incomodava.

Pessoas boas, graças a Deus, determinadas a viver pacificamente mesmo diante dos inevitáveis problemas de toda ordem. Tanto que a maioria se mudara e continuara amiga trocando cartas, telefonemas e visitas. A distância não destruía a estima.

Talvez seja por isso que há mais pessoas boas do que más neste Mundo... Justamente para impedir um caos maior...

Nos lugares onde, invariavelmente, as pessoas mal se olham, mal se cumprimentam, onde a cortesia e o cavalheirismo, com exceções, andam em desuso, a tristeza e o ranço nadam de braçada.

Aquelas pessoas da Rua Iracema eram sim felizes mesmo se tendo uma vidinha simples... Pela irmã pobreza elas davam graça!

Dizem que o sofrimento aprimora o caráter, fortalece-o, e que é preciso muita força religiosa para olhar através do ódio e enxergar o bem. Nunca se pode jogar pelas regras do inimigo...

Quando se vive muito tempo num lugar essa pessoa passa a ser o lugar. Daqui cem anos, quem sabe, tudo será ruína. Porém, a única coisa que envelhece de verdade em uma pessoa é o coração. O tempo pesa sobre todos os seres vivos.

O passado pode não ter sido bom para muitos ali, mas Lúcio e sua amada Laura já se achavam há anos moldados por aquela rua, cuspidos e escarrados. Tiveram o privilégio de testemunhar muitas coisas engraçadas, boas e tristes.

XV

O Ari era um leão adoecido e por isso quase não se relacionava mais com os vizinhos. A vida dele se restringira da casa para o trabalho e vice-versa. Ele sofria de PTI, sigla identificando a Púrpura Trombocitopênica Idiopática, uma doença rara do sistema imunológico que destrói as plaquetas e quando elas ficam muito baixas a pessoa começa a sangrar e há o risco de morte.

Só o nome dessa doença já causa um enorme susto, parece coisa de outro mundo. Ari mantinha-se recluso. Precisava evitar ambientes onde poderia se machucar porque a coagulação do sangue estava comprometida.

Além disso, não podia contrair dengue porque a doença poderia evoluir para o quadro hemorrágico e isso seria potencialmente fatal, justo no tempo em que a dengue tinha virado uma epidemia em Dourados...

Ele era um requisitado professor de matemática, aficionado por metafísica e com sensibilidade aguçada. O tempo ocioso decorrente da doença era dedicado à leitura de Aristóteles, Descartes, Aleister Crowley e assuntos relacionados à metafísica.

O professor tinha se tornado uma pessoa encabulada, tristonha, em aparente estado de comiseração. Não sabia se seria curado ou não, se morreria daquilo, até quando continuaria sofrendo com os sangramentos nas gengivas ou se seria apenas mais uma fase difícil na vida.

- A terra é dura para todos! – dizia consigo nos momentos de introspecção.

E emendava:

- Morrer é fácil, viver é que costuma ser penoso, acaba com a gente... Talvez eu goste mesmo é do que mais me apavora...

Ele ficava intrigado se haveria uma explicação sobrenatural ou primária para a doença dele.

Ou se seria uma peça perversa do estatuto universal.

E filosofava:

- No fundo, todos os homens sabem a diferença entre o certo e o errado, é como uma bússola secreta dentro de nós... Boas decisões não tornam a vida fácil, mas mais fácil...

Os poucos amigos acompanhavam o drama.

Tudo começara quando tomou, por recomendação psiquiátrica, sertralina para controlar a overdose de ansiedade que o teria levado a crises de pânico, decorrentes do alcoolismo e das altas doses de adrenalina no trabalho.

Após quatro meses tomando o remédio, sentindo-se melhor, amanheceu um dia com sangramentos na gengiva, pequenos ferimentos na boca e as pernas manchadas por petéquias.

Era início do feriado prolongado de criação do Estado de Mato Grosso do Sul. A maioria dos médicos tinha viajado. No hospital fora internado para transfusão porque o exame acusou oito mil plaquetas enquanto o mínimo de uma pessoa saudável é 140 mil.

Tomou dez bolsas no primeiro dia e outras oito no segundo. As plaquetas subiram para a faixa de 30 mil e ele teve alta com a recomendação de procurar um hematologista.

Uma semana depois as plaquetas tinham caído para cinco mil num resultado de laboratório particular e cerca de duas horas depois em novo exame no hospital estavam em 34 mil. Ninguém dera uma explicação convincente para tamanha disparidade.

- Às vezes tenho a impressão que alguns médicos são como mecânicos de carro, sem desmerecer os bons profissionais – queixarase.

A propósito, Cristo teria dito: “um médico não visita à casa de quem está saudável, mas de quem está doente”...

Uma hematologista solicitou exames complementares para tentar identificar a causa. Como era cervejeiro contumaz por 30 anos existia a suspeita de cirrose.

Os exames descartaram todos os tipos de hepatite, cirrose e HIV. As funções hepáticas estavam boas. Um mielograma certificou que a medula óssea estava produzindo plaquetas normalmente.

O organismo, na contramão, estava por algum motivo criando anticorpos que destruíam as plaquetas reconhecendo-as como corpos estranhos e nocivos, uma espécie de *tilt*.

A médica explicou que não haveria uma causa, se fosse intoxicação por sertralina após a interrupção da medicação o problema teria desaparecido.

Mas ele duvidava de tudo e de todos como método para suas próprias conclusões, mesmo empíricas.

Não descartava a presença de um deus enganador e de um espírito maligno.

O tratamento com glicocorticóides o deixara bem confuso porque a droga acelerou a ansiedade aparentemente dominada. Por causa dessa medicação não conseguia trabalhar direito, saía na rua esporadicamente ainda assim quando estritamente necessário porque sentia tonturas, estava dominado por fobias e tinha a todo o momento a sensação de que ia cair. Um tombo poderia complicar em muito o seu estado clínico, ainda mais se batesse a cabeça.

Embora tivesse momentos que não conseguisse se concentrar direito nas leituras metafísicas, refletia loucamente sobre os mistérios da vida, ainda mais com a possibilidade da morte estar bem próxima. Sentia-se usurpado pela doença.

Pouco antes de iniciar o tratamento com glicocorticóides reclamara que estava cuspidando sangue há mais de dez dias.

Se os glicocorticóides não surtiram efeito iniciaria uma segunda linha de tratamento e se essa também não desse certo teria uma terceira e caso o quadro permanecesse refratário, a médica recomendaria a retirada do baço ainda assim com a possibilidade de cura de 50%.

Ari se sentira desprotegido numa arena de leões famintos.

Ele havia sido, de uma forma ou de outra, sorteado na loteria maligna entre os poucos que adquirem essa doença. Sina dos deuses por causa das suas intervenções metafísicas sobre o que é real, a liberdade, o motivo de o homem estar neste planeta e a substância dos seres humanos?

Ou uma mera rajada fecal de pomba em dia de Sol ao caminhar debaixo da sombra de uma árvore?

Os médicos, ao que parece, ainda tateavam meio nas trevas em relação a essa doença ilógica. Faltavam pesquisas e opções terapêuticas com menor efeito colateral e eficiência na estabilização da contagem das plaquetas.

Doença rara não tem mercado emergente no meio farmacológico e, com isso, pesquisa-se pouco. O custo benefício não seria economicamente vantajoso para os laboratórios cuja vida é uma prioridade na medida em que vier acompanhada por demanda...

Se houvesse interesse governamental como no Projeto Manhattan para a fabricação da bomba atômica – que tantas vidas japonesas ceifaram - com certeza o empenho seria outro.

Mas não, o mal acometido pelo metafísico Ari era quase um caso isolado, de poucos azarados.

Um sensitivo da região Norte do Estado lhe ensinou um remédio caseiro à base de beterraba e rapadura de cana. O segredo estava no ritual de preparo: três beterrabas médias fervidas e depois batidas em liquidificador e misturadas com a rapadura e o produto tinha que ficar enterrado por dez dias em recipiente de vidro.

Mal não deveria fazer. Pelo sim pelo não ele tomara duas colheres de sopa por dia, pela manhã e à tarde, além dos medicamentos alopatas.

Aumentara de tamanho a ruga de preocupação instalada em seu semblante. O sorriso não havia desaparecido por completo, mas andava meio sumido, isso sim, apesar dos pesares e da ansiedade que não lhe dava sossego.

Quando alguém mais próximo o olhava com misericórdia ele desconversava afirmando que ainda podia dar alguns pulinhos de alegria e que estava exposto à dúvida e ao desespero como qualquer outro mortal.

Mas como gostava de planejar sua vida e preparar-se para o pior pensava em deixar ajeitada a sepultura e já imaginava um texto para o epitáfio.

Morrer não seria complicado, dizia, embora não quisesse causar dor e angústia à família que no entendimento dele ficaria bem com sua ausência.

- Morro todos os dias de tédio, de paixão, de saudade, de dúvida e às vezes de raiva, a raiva que me faz fechar os olhos e abrir a boca...

Enfrentava o fantasma que o perseguia com toda a força que ainda dispunha. Ari era um sujeito que não gostava de perguntas e respostas fáceis. Os seus enigmas eram complexos e agora ele tinha uma doença complicada para administrar e entender. Ele era um gênio cuja ilusão sempre o acompanhava como uma alma gêmea. Seria um presságio?

Já havia relatado experiências de projeção de imagem e isso aumentara suas incertezas.

Numa dessas viagens transcendentais encontrara sua mãe e aproveitara aquele momento maluco para dizer que a amava. Avistara-se, nessa mesma oportunidade, com pessoas conhecidas da cidade que haviam sido assassinadas perambulando em uma praça, meio que perdidas, sem rumo.

Nessa praça havia uma enorme Igreja cuja frente era tomada por pessoas parecendo zumbis cuja cabeça estava coberta por gorros acompanhados por mantos ou capas batendo os pés. Não se via o rosto. Esses vultos saíam do templo em fila indiana para acender velas compridas em uma pira do lado de fora e retornavam lentos e misteriosos para dentro da Igreja em silêncio.

O corpo dele havia voado como uma pluma sem destino até parar nessa praça.

Numa outra viagem transcendental teria se deparado com um inimigo que teria puxado briga naquela dimensão extracorpórea e ele teria acordado em sua cama com o coração acelerado como se tivesse acabado de passar por um grande susto.

Em uma terceira vez teria feito um passeio sombrio por um cemitério em ruínas e teria acordado com gosto de carne podre na boca.

Ari relatava que essas saídas do corpo sempre ocorriam quando ele entrava numa tênue zona de sono, uma espécie de faixa de sintonia radiofônica com chiados. Sentia um formigamento que começava pelas pernas e ia subindo pelos membros até livrar-se da massa física e ver, do alto próximo ao forro do quarto, o próprio corpo deitado na cama.

Aí ele atravessava o forro e o telhado como se a porta estivesse aberta e passava a vagar por aquele céu misterioso e cheio de surpresas... O corpo seria uma espécie de fumaça ou nuvem branca, mas a consciência seria a mesma, indelével e atenta.

Achava, viajando ou não por outros mundos, que ainda poderia encontrar a causa e a bioquímica da sua doença. Se fosse uma punição dos deuses ia exigir uma retratação porque, a seu ver, não mereceria tal castigo apenas por ter a dúvida como um norte de meditação. Não fazia mal a ninguém, pelo contrário, dedicava-se ao bem sem olhar a quem. Mas não se pode negar que o engano persegue a todos...

Se bem que Deus pode escrever certo por linhas tortas, mas nunca se cansa de dar uma segunda chance...

Alguém mais experiente já ensinara: o ser humano só passa a dar o devido valor para a saúde e para a liberdade quando as perde.

Ari sangraria até a morte? A ansiedade o deixaria louco?

A doença seria por causa da abstinência alcoólica?

Quem sabe Poseidon²⁴, como fez com Odisseu²⁵, queria fazê-lo sofrer e não matá-lo para forçá-lo a reconhecer que os mortais não poderiam viver sem os deuses...

Depois de algum tempo as plaquetas subiram para 80 mil e ele não quis tomar os remédios porque não suportava os efeitos colaterais.

- Dane-se! – dissera à médica.

Começara então a fazer terapia e voltara a beber. A psicóloga, nas três primeiras sessões, já conseguira aplacar a ansiedade do Ari. Ela comentara que ele entendia rapidamente a conversa enquanto outros pacientes demoravam mais “a pegar”.

Após nove sessões fora liberado. Na cabeça dele ficou a ideia de que tudo teria começado por causa da abstinência forçada do álcool e a tentativa da psiquiatra em controlar o vício com a sertralina. A estratégia não funcionara e piorou o estado emocional do professor.

O estado emocional afetara, por tabela, o imunológico. Mas o drama dele ainda não tivera um desfecho. Precisava fazer exames periódicos e aprender a beber moderadamente. A PTI, quem sabe, poderia surpreendê-lo porque é uma doença sem padrão.

Ele que não vá pedir ajuda aos Três Mosqueteiros senão a coisa pode degradingolar, pois, eles incorporavam uma espécie de imã orgânico para o trago...

Como teria dito o ex-presidente JK, morrer não seria a pior coisa na vida. Seria apenas a última!

XVI

A aflição não perturbava apenas o Ari. Na Rua Iracema havia um senhor de meia idade, o seu Antônio, sofrendo de ansiedade patológica e crises frequentes de pânico. Havia quem, por ignorância, o achasse cheio de nove-horas, coisa de gente com a cabeça fraca, de pouca fé, tomada por espíritos malignos. Ou então teriam feito macumba contra o pobre infeliz. Mas quem o vira em momentos ruins pode testemunhar o horror, o feio, o deprimente.

²⁴ Deus do Mar na Mitologia Grega.

²⁵ Personagem de *Ilíada* e da *Odisseia*.

Era coisa de correr para o hospital. Lúcio fora uma dessas testemunhas e chegou a socorrer o homem.

Embora isso não fosse nada ético, Lúcio havia comentado com os amigos que eles deveriam agradecer a Deus por não terem tal doença.

Millôr Fernandes dissera: “O cara só é sinceramente ateu quando está muito bem de saúde”.

O seu Antônio dependia da saúde pública. O minguido e pífio atendimento - para não dizer desumano por causa da demora, fila, poucos profissionais, falta de remédios e sobra de irresponsabilidade política – fazia com que ele ficasse ainda mais doente, injuriado, angustiado.

O seu Antônio chegou a ser visto por pessoas cruéis como um maluco precisando ser internado em hospício para ser submetido à lobotomia. A ansiedade o deixava em pânico, sem poder falar direito e a voz esquisita, pastosa, ondas de calor pelo corpo, mãos trêmulas, olhar distante e confuso, o andar de papagaio e cambaleante, com insônia, muita sede, enfim, todo desequilibrado.

Um simples banho era difícil para o seu Antônio porque os braços e mãos não o ajudavam. Ele dizia que demônios habitavam sua mente. Isso podia ser uma ideia fictícia ou não, porém, a confusão era intensa na cabeça dele. Nesses momentos de crise achava que teria um ataque cardíaco fulminante ou que, no banheiro, poderia levar um tombo idiota e morrer ali mesmo debaixo do chuveiro.

Não conseguia trabalhar e como era vendedor ambulante o desespero só aumentava. Precisava correr atrás dos clientes para ganhar dinheiro para seu sustento, mas naquele estado isso era impossível. Suas poucas economias rapidamente tinham ido para o ralo, dinheiro só saindo e nada entrando.

A situação doméstica não era pior porque a esposa lavava roupas para fora, fazia compotas e o filho trabalhava. Os vizinhos ajudavam na medida do possível. Os Três Mosqueteiros pensaram em organizar uma promoção no centro comunitário, mas isso não fora preciso.

Antes de começar o tratamento psiquiátrico ele tinha ido ao terreiro de umbanda e ao centro espírito para tomar passes. Pensou em procurar o pajé na Reserva Indígena. Ele acreditava em soluções alternativas. Pensou na yoga, mas além de não ter esse perfil, não

havia instrutor na cidade naquele tempo; em só tomar banho de água fria e beber a própria urina pela manhã.

Depois de semanas tomando remédios de tarja vermelha e preta começara a melhorar, estava ficando mais equilibrado e aos poucos fora retomando a rotina.

Mas, pelo pouco que ele havia dito, teria que tomar remédios pelo resto da vida e isso o deixava desconfortável, meio contrariado, impotente porque, assim como o Ari, temia as reações adversas.

Seria tênue a linha separando a ansiedade da depressão; ele havia demorado na busca de atendimento apropriado porque achava que aqueles sintomas iam desaparecer com reza e pensamento positivo. E quando procurou a rede pública se deparou com a velha situação conhecida de todos...

Certo dia, dentro do ônibus, durante o *rush*, ele tivera uma crise e ficara num estado de graus abaixo do horrível. Quem vira dissera que o seu Antônio parecia que ia morrer. Suava frio, transpirava, o coração acelerou e ele não conseguia se controlar e nem falar. Os passageiros ficaram assustados sem entender e sem saber como ajudar. O ônibus lotado, parando de ponto em ponto, gente entrando e saindo, aquela muvuca o deixara em pânico como se estivesse no inferno em vida e talvez estivesse mesmo.

Ao chegar ao ponto de destino perto de casa quase não conseguira permanecer em pé, descer os degraus e quando desceu, com ajuda, ficara sentado no meio fio até conseguir se recuperar e rumar para casa sob os olhares atentos e curiosos de alguns populares.

Será que Clarice Lispector estaria deprimida quando escrevera isto: “Ter nascido me estragou a saúde”?

O que os médicos sabem sobre as necessidades da alma do homem?

O seu Antônio estaria fadado a lamúrias e a ranger os dentes para toda a vida?

XVII

Na mercearia do seu Domingos os encontros nos finais de tarde eram um deleite. Havia um grupo de técnicos agrícolas que marcava

ponto diariamente. A roda era ruidosa, uns 12 ou 15 homens. Parecia uma revoada de maritacas em algazarra.

Talvez a metade do salário de alguns, ou mais, ficasse ali. Haja cachaça, cerveja, quitutes e conversa! Ali havia “doutores” em carros, pescaria, economia, política, comércio, café, soja, imprensa, corrupção, loucura, mulheres... Isso para não entrar em discussões calorosas em se tratando de religião e futebol...

Era comum a esposa de algum deles aparecer por volta das 19h para levar o marido embora nem que fosse contrariado, senão o mesmo ficaria até fechar... Os filhos espertos diante da situação flexível aproveitavam para pedir os melhores quitutes. Sorte das esposas é que o seu Domingos quase nunca passava das 21h porque levantava cedo para receber o pão.

Os mais festeiros saíam dali e iam para outro bar, não tinha jeito. Eram, em sua maioria, homens jovens que aguentavam o tranco etílico e tinham pique para levantar cedo para mais um dia de trabalho, sem ressaca brava. Bem, nem todos tinham essa mesma saúde de ferro... Os mais sensíveis, naturalmente, se recolhiam cedo e havia os sensatos que não queriam aborrecer as esposas e iam logo para casa...

A pé, de bicicleta, de ônibus ou depois quando comprara o primeiro fusquinha 72, cor amarela, Lúcio sempre passava no final de tarde pela “boquinha maldita”.

Aquelas rodas eram bem animadas. Quase todos da Rua Iracema que apreciavam um bom gole gostavam de frequentá-las.

Mas ali mesmo, num tête-à-tête a dois, talvez tenha sido arquitetado um crime de homicídio. A suposta autoria fora atribuída ao Isaby.

Ele e o primo frequentavam o lugar. Havia semanas que o Isaby sumia e depois aparecia com os bolsos cheios de dinheiro pagando rodadas de cerveja pra todo mundo. Dizia que tinha ido trabalhar na fazenda ou fazer um extra em outra cidade. Mas não contava qual fazenda e nem em qual cidade e ninguém se atrevia a perguntar.

O único detalhe dado por ele, porém, revelava a esperteza de uma raposa, instigava o mistério por trás do “trabalho”: na fazenda arrumava a cama num lugar e ia dormir em outro...

Ele contava as coisas nas entrelinhas...

Era o tipo do sujeito capaz de sentir as dores de um amigo. Fazer justiça com as próprias mãos em nome desse amigo. O Isailton

falava muito sobre isso. Era um recado para ninguém se meter a besta...

O crime em questão, não cometido no estabelecimento, mas na área central, teria tido como causa um provável adultério. Esse episódio sempre fora tratado no campo das possibilidades porque nunca se soube ao certo o motivo.

O suposto sedutor e o hipotético traído frequentavam a mesma roda, mas os demais não tinham conhecimento sobre o possível triângulo amoroso e se um ou outro sabia se silenciou.

Provavelmente com o orgulho e a honra feridos, o juízo infernizado pelo álcool, para não dizer uma inconsolável dor de corno, esse homem tivesse compartilhado sua mágoa com o Isaby e aí a coisa federa.

Quando o crime de fato acontecera sumiu todo mundo da roda. A tragédia se abatera sobre a família da vítima querendo entender o motivo de tamanha violência. Uns poucos apareciam na mercearia e superficialmente tocavam no assunto. Como a maioria deixara de comparecer teve-se a impressão que poderia haver mais gente envolvida na trama macabra. Instalara-se um clima muito esquisito.

O hipotético sujeito traído também sumira.

Na verdade todos temiam o Isaby que ficara dando sopa pelo bairro. Contaram que ele no dia fatídico pegara carona com a vítima no ponto de ônibus em frente à mercearia...

Rolaram diferentes versões à boca pequena.

Nunca mais a roda fora a mesma, mesmo quando novatos pintaram por ali.

O bando de maritacas desaparecera. Permaneceram uns gatos pingados.

Os moradores antigos quem sabe tenham uma vaga memória desse triste acontecimento. A verdade jamais seja conhecida em sua totalidade. Talvez só Hades²⁶ saiba.

Se teria sido o Isaby o autor, ele não precisaria ter feito isso, não pensara na família e filhos da vítima...

Fora uma questão de dias até o Isaby ser preso num outro boteco, não por essa suposta autoria, mas porque teria ameaçado um advogado que teria destrutado covardemente um pobre coitado no bar pedindo uma pinga. O advogado, com medo, fora embora e avisara a

²⁶ Deus do Mundo Inferior e dos mortos na Mitologia Grega.

polícia. Não fora dito aqui que o Isaby fazia o papel de protetor dos desvalidos? Como ele tinha um mandado em aberto fora recolhido na hora...

Isaby teria dado cabo à vida de outro homem suspeito, pai de família, que morava na última quadra da Rua Iracema, perto do Lúcio. Esse sujeito teria pertencido à força policial e estaria envolvido com o submundo do crime. Além de supostamente matar a tiros e coronhadas esse sujeito em plena rua, também na área central da cidade, ele fora ao velório. Uma frieza impressionante...

Ele dissera uma vez em tom de troça que quando morresse ia direto para o inferno e não demoraria nem um minuto para chegar lá. Não conseguira, em vida, vencer a própria ira. Talvez seja verdadeiro que os demônios habitem as mentes e corações das pessoas e caberia às pessoas, a ninguém mais, repeli-los e mantê-los afastados. O resto seria folclore.

O jovem homem que teria sofrido a suposta traição se separara da mulher e tentara suicídio bebendo pinga de alambique. Teria se fechado dentro de um quarto com um garrafão de cinco litros pensando em beber até entrar em coma. Teria bebido até não aguentar mais e desmaiar. Mas acordara no dia seguinte com uma baita ressaca e, decepcionado, verificara que seu plano étlico de morte havia falhado. Chegara a consumir quase a metade do garrafão. Resolvera, então, recompor-se, voltar ao trabalho, construir vida nova e enfrentar a pedreira processual...

O seu Domingos, com o passar do tempo, levava vários calotes e o período de inflação alta dificultara o seu comércio, desmontando a mercearia e mantendo apenas a parte de bar, a venda do café e leite e algumas miudezas.

Por algum período ainda guardara os cadernos com a anotação dos fiados não recebidos e tentara resgatar algumas contas. Depois vendera o prédio e o ponto para outra pessoa que montou uma conveniência bem surtida lembrando a mercearia do tio Domingos nos áureos tempos.

No começo dos anos 80 era apenas um cômodo puxado na frente e a varanda sobre a calçada de terra batida coberta com telhas de amianto. Um comércio simples, mas o seu Domingos deixava seus clientes, quando confiáveis, bem à vontade. Ele e a família eram afáveis, pessoas autênticas.

Em matéria de política defendia com firmeza suas convicções. Era inclinado mais para a direita em termos de ideologia partidária. Pedira votos para Collor. Gostava do José Elias Moreira. Durante uma das eleições para prefeito fizera campanha para Humberto Teixeira.

Numa noite o Lúcio e o Miguel, até então petistas, estavam na varanda e o assunto enveredou-se para a política. Após um breve pingue-pongue entre o Miguel e o tio Domingos resolveram fazer uma aposta: uma caixa de cerveja, mas bico seco, ou seja, se Collor fosse eleito queria receber a caixa intacta enquanto o Miguel pensava em bebê-la com ele... O seu Domingos não bebia.

Miguel pagara a aposta e mais uma rodada, mas depois tirara o sarro do tio por ocasião do impeachment...

Antes de vender o ponto, a dona Amélia, a esposa, fizera um curso e montara um salão de cabeleireira ocupando a metade do espaço. Angariara sólida freguesia e trabalhara ali por anos. O ambiente antes frequentado por varões passara mais a ser ocupado por mulheres.

O seu Domingos passara por uma cirurgia para extrair o apêndice, se aposentara e já não tinha o mesmo gás para o comércio. Na nova casa, no Jardim Água Boa, dona Amélia manteve o salão. No dia 1º de abril de 2008 ele morrera de ataque cardíaco dentro de uma agência bancária, segundo familiares, após uma conversa pouco amistosa com o gerente. Deveria ter perto dos 70 anos.

XVIII

No início dos 90 a turma da Rua Iracema acabara se envolvendo numa disputa ferrenha para a eleição da Associação de Moradores. Parece que o Fernando havia sido convidado para ser candidato ao cargo de vice-presidente na chapa do francês e os Três Mosqueteiros acharam que daria para ganhar aquele pleito independente do francês que tinha planos de sair candidato a vereador. Não agradava a ideia da turminha da rua virar, indiretamente, cabo eleitoral de um sujeito alheio ao meio. O francês, de fato, chegara a ser eleito vereador anos depois.

A associação despertava interesse porque tinha estrutura física, enorme centro comunitário, espaço administrativo e área de lazer.

Dava boa visibilidade política, mas a entidade não tinha dinheiro e sim muita demanda para ser resolvida. Um bom presidente teria certamente meio caminho andado para a vereança. As mil casas, todas ocupadas, tinham pelo menos três mil eleitores, sem contar a redondeza.

Fernando era o candidato perfeito para a presidência da associação por ser ímpoluto, probo, resolvido, não ter preguiça e ser muito sincero. Não tinha pretensões de ser vereador e nem de se aliar a nenhum partido. Respirava independência. Tanto ele como os demais moradores da Rua Iracema que entraram na chapa só queriam fazer o bem pelo bairro.

O Fernando transmitia lealdade e segurança, quesitos que não se enxergava naquele tempo no outro candidato. Os ávidos Mosqueteiros convenceram o amigo a partir para a disputa. E assim o fizeram.

Mobilizaram inicialmente a rua e depois partiram para o ataque visitando casa por casa nos finais de semana. Começavam a campanha pela manhã e só paravam no final da tarde com as pernas moles, cansados e com a boca seca.

O seu Germânio que morava na casa vizinha do lado de cima do Lúcio era sogro do francês. O clima ficou meio esquisito, mas tocaram o barco, afinal, era um direito democrático a participação e o estímulo ao debate. De qualquer forma a mobilização seria boa para o bairro.

A turma da Rua Iracema não fizera campanha de ódio. A chapa em torno do Fernando agregara gente de vários outros pontos do BNH. Estava decidida a exercitar a política comunitária, só isso. O mote era não ter vínculo com os políticos profissionais e, se a diretoria fosse eleita, aproveitar a independência para reivindicar junto a todos eles sem sujeição a cor partidária. Normalmente as chapas anteriores ficavam atreladas a caciques políticos. Queriam ser, diga-se assim, índios independentes...

Mas ao mesmo tempo em que o Fernando acelerara a campanha o francês também montara um bom grupo e buscara voto. Ele tinha a vantagem de ter uma lábia melhor, jeito de político profissional, além de lastro financeiro.

Lúcio era o vice do Fernando. Pintaram ruas, distribuíram panfletos e bateram muita perna. O grupo, embora concentrado na quadra da Rua Iracema, era bom e tinha reputação. O terceiro

candidato nessa campanha fora o incansável Benê. Ele tivera seu séquito.

Na véspera da eleição o grupo do Fernando fez uma bonita passeata com faixas e se deparou com o outro candidato fazendo campanha e distribuindo camisetas. O seu Germânio pegara o caminhão e os membros da chapa e saíra pelas ruas buzinando e exibindo suas faixas de propaganda. O que o grupo do Fernando havia demorado uma tarde para fazer, ou seja, andar por quase todas as ruas do bairro a pé, os adversários fizeram em uma hora ou pouco mais em cima do caminhão.

Fez-se o recadastramento dos moradores, mas não era seguro para controlar a votação apenas dos residentes no bairro.

A casa do Fernando virara o quartel principal onde aconteciam as reuniões maiores e a do Lúcio o escritório das estratégias.

No dia da eleição fora um Deus nos acuda atrás de eleitores. Morador não se animava a sair de casa em pleno domingo preguiçoso e de Sol para o voto voluntário. O pessoal da chapa do Fernando usou todos os carros disponíveis, inclusive o fusquinha do Lúcio fora para o sacrifício dirigido pelo Zé, mas o adversário tinha mais carros e mais gente na boca de urna. Suspeitou-se que eles puxaram votos de vilas vizinhas, mas não havia como provar.

Resultado: o francês obtivera mais de cem votos de vantagem, conseguindo 500 e tantos contra os 400 e poucos da chapa denominada *Unindo Forças*. Engraçado, a turminha da rua esperava tudo, menos a derrota. Fora uma ducha de água fria. O Fernando chegara a ficar doente.

Mas o bairro dividiu-se. Os vencedores se esmeraram no começo e buscaram fazer um bom trabalho, mas comandar uma associação como a 4º plano não era tarefa simples.

Dois anos depois o único grupo que continuava unido para disputar novamente a associação era o do Fernando. Tanto que fora chapa única, agregando os dissidentes da diretoria do adversário e o Benê.

Durante o tempo em que o francês fora presidente os Três Mosqueteiros e amigos promoviam atividades paralelas por pirraça e para mostrar força política.

Eles fizeram pela primeira vez a festa junina da Rua Iracema, o maior sucesso. Viera gente de todo o BNH e de outros bairros, além de políticos.

Fecharam a quadra. Teve uma quadrilha muito bem ensaiada, fogueira, teatro de bonecos – coisa que a garotada nunca tinha visto - e barracas servindo de graça quentão, pipoca, amendoim e demais guloseimas típicas.

Uma vez à frente da associação fizeram também o que puderam, mas enfrentaram dificuldades. Nos finais de semana viviam confinados no centro comunitário. Promoveram carnavais, bailes, eventos esportivos e reformas, mas era difícil levantar recursos junto aos moradores que nunca deram muita importância para a boa infraestrutura.

A prefeitura colaborava pouco, embora tenha feito melhorias importantes como o posto de saúde aproveitando parte da estrutura da associação e construído uma escola em anexo com doze salas. Os moradores talvez não se envolvessem mais por uma questão cultural: a de que santo de casa não faz milagre.

Mas aquela campanha fora memorável. Nunca na história do bairro tantos moradores tinham ido votar. Foram, no total, mais de mil votos, mesmo tendo, supostamente, uma parcela pirata. A turminha da Rua Iracema fizera um barulho dos diabos. Também nunca mais se envolvera em briga de associação depois do mandato do Fernando.

A política estava no sangue. Aquelas pessoas tinham esse lado adormecido. De tantos pros e contras acabaram preferindo deixar introvertida essa veia. Dava muita dor de cabeça, não tinham dinheiro. O orgulho e a ética os impedia de se alinhar à política profissional corrupta. Ainda bem.

Aquele desejo pelo poder político comunitário acabou sem maiores estragos e com saldo positivo para o bairro. Fizeram história, mas definitivamente não tinham vocação para mártires.

XIX

A notícia triste havia chegado ao final da manhã do dia 29 de maio de 1995 e pegara a todos de surpresa. Haviām encontrado o corpo do Simão numa área rural a Sudoeste de Mato Grosso do Sul, na divisa com Paraná, crivado de balas. Execução sumária.

Perplexos, ninguém sabia a motivação do crime, pois, o veterano Mosqueteiro não era bandido, não merecia um fim trágico

como aquele. Havia sempre um tom de bondade em suas palavras. A morte despedaça o coração de quem fica - coração esse que continua batendo nunca se sabe até quando.

Sempre é difícil encontrar forças para uma tragédia assim. Nunca se sabe quando um idiota, um maldito inseto ou verme vai tirar um pedaço de você.

Ele tinha 35 anos, não era violento ou encrenqueiro. Pelo contrário. Calmo, pacífico, amoroso com a família, amigo.

Aquele fato fora mais que um choque. Abalou as estruturas emocionais de toda a turma. Haviam assassinado um sujeito benquisto. Podia não ser santo, mas não era má pessoa. Todos na Rua Iracema o viam com consideração, carinho, bons olhos.

Ninguém sabia ao certo que tipo de trabalho o Simão estaria envolvido. Há algum tempo ele estava ficando na região de Mundo Novo. Vivia alongado por lá. Quando aparecia em casa não se queixava e nunca fizera menção sobre riscos ou ameaça à sua pessoa.

Não falava sobre o serviço e os amigos, por discrição, não perguntavam.

Amigo respeita a individualidade do camarada *brother*, isso é sagrado. Do contrário não há sentimento fiel de afeição. Apesar do ambiente genérico de fofocas e das diferenças, aquele grupo tinha por hábito acatar as particularidades de cada um. Por isso era tão unido.

Também ali ninguém era bicho do outro mundo...

Quando Simão estava em casa e recebia os *brothers* Mosqueteiros só falava coisas boas, apresentava o roteiro de novas piadas, brincava ao seu jeito, fazia par no jogo de sinuca.

Mas isso não era rotineiro como antes. Ele demorava em vir para casa naqueles tempos. Passava meses seguidos fora.

A esposa, Iara, ficara em estado calamitoso, inconsolável, vertendo lágrimas, assim com as filhas menores.

A mãe do Simão que por aquele período, adoentada e com a capacidade motora reduzida em uma das pernas, morava na mesma casa. Ela ficara desesperada.

Uma situação complicada.

Essa mãe, em prantos, agarrou-se a um quadro com a foto do filho do tempo em que ele era sargento do Exército. O retrato ficava na sala. Ela apertava o quadro com força sobre o peito. Não havia quem o tirasse dela.

O Fernando, sensível à dor da família e sempre uma mão amiga nas horas difíceis, ofereceu-se para levar, em seu carro, a Iara até Mundo Novo, a 250 km de Dourados. Acompanharam a funerária para buscar o corpo.

Na viagem de volta, à noite, foram perseguidos durante alguns quilômetros na saída de Mundo Novo por desconhecidos. Os assassinos queriam, soube-se depois, que Simão fosse enterrado como indigente em Mundo Novo na tentativa de abafar ao máximo possível o crime. Não queriam sequer que o corpo fosse encontrado...

Mundo Novo fica na faixa de fronteira, divisa com Guaira (PR) e a cidade paraguaia de Salto del Guayrá. Lugar violento.

Achavam que o Simão fosse um João-ninguém. Mas se enganaram redondamente.

O Renato, outra alma caridosa e prestativa, se encarregara de tomar providências para o funeral. Além da esposa, a mãe e as filhas, o Simão não tinha outros parentes por aqui. Apenas os bons amigos, ainda bem. O corpo chegara por volta das 22h.

A cena dantesca do Simão no caixão, um sujeito forte com mais de 1,80 de altura, era um hálito quente e sombrio da dura realidade da vida. A morte esbofeteava quem o velava, os que ficaram no arrimo da frágil existência humana.

Porcelanas de louça são frágeis, mas duram para sempre se não forem quebradas. Então, por essa lógica, o ser humano é mais fraco que a porcelana porque um dia, na melhor das hipóteses, envelhece, morre e vira pó, deixando, talvez, apenas lembranças boas ou más.

Não há como questionar. As lágrimas, nesses tristes momentos, deságuam o sangue cristalino da emoção, o líquido da dor. A morte é um fato natural, não se pode negar. Um dia os fios de sangue, os poucos ossos e a rede de nervos e artérias se transformarão em pó.

Os poucos amigos olhavam desolados para o *brother* inerte na imensidão do silêncio da eternidade.

Lúcio, traspassado e angustiado, comentara que o Simão não parecia morto porque apesar da presença física do corpo, ele dizia ouvir a voz do amigo em seus pensamentos, ainda sentia a vida nele.

Queria crer, erroneamente, que seria apenas um pesadelo.

A face do Simão parcialmente encoberta por gaze e esparadrapo dava uma ideia da mutilação. Tiro de 12 no rosto...

De acordo com a perícia, não havia sinais de reação, de oportunidade para a defesa. Simão fora covardemente executado.

Segundo o levantamento preliminar, ele teria sido levado até o local do crime.

O corpo fora encontrado próximo a um arroio, onde poucas pessoas passavam. Simão fora casualmente localizado pouco tempo após a morte por um homem que tinha ido até o local para pescar.

Ele estava vindo para Dourados no dia do crime. Fora interceptado num posto de combustível. O frentista teria abastecido o carro dele com álcool no lugar da gasolina. Simão teria retornado ao posto depois que o motor começara a falhar. Naquele momento teria sido abordado pelos assassinos em outro veículo.

Não teria esboçado reação, segundo testemunhas. Quem sabe conhecesse seus algozes. Entrara no outro carro para a morte, sabendo ou não.

O corpo tinha uma saraivada de tiros nas costas.

Durante o velório correu boato de todo tipo sobre os possíveis motivos. Houvera a conversa de que o crime teria sido cometido a mando do próprio patrão, líder de um suposto esquema de contrabando no qual o Simão estaria engajado. Alguma coisa de muito podre havia porque dias depois esse patrão fora assassinado usando um telefone público em São Paulo, Capital. Coisa de pistoleiros profissionais. Nesse meio, invariavelmente, crimes de sangue são pagos na mesma moeda.

O caso do Simão entrara para a estatística da polícia dos crimes sem solução.

O sepultamento, na manhã seguinte, marcada por uma situação absurdamente constrangedora: o caixão não coubera na carneira. O tamanho das covas era padrão como se todas as pessoas tivessem o mesmo volume, como se todas calçassem sapato 40. As sepulturas eram feitas com antecedência, em fileiras. Tiveram que improvisar uma abertura na parede lateral de tijolo.

Dizem que há uma regra básica nos homicídios: nada fica enterrado para sempre!

O poeta e filósofo Horácio dizia que um amigo era a metade da sua alma; o filósofo grego Sócrates teria afirmado preferir um amigo a todos os tesouros do rei Dário. Pitágoras, outro filósofo grego, seria autor desta frase: “Escreve na areia as faltas de teu amigo”. Rui Barbosa teria dito: “O melhor amigo é aquele que nos faz melhor do que somos”.

Orestes e Pílates, em *De Amicitia*²⁷, de Horácio, aceitaram morrer ao mesmo tempo porque, para eles, não viver juntos era pior que a morte.

A Iara nunca mais se refez. Passara a manter um semblante entristecido, deprimido, muito diferente daquela alegria, sorriso e humor de outrora. Emagrecera. Buscara trabalho para manter a casa. Lutara para sobreviver com dignidade e cuidar das filhas. Tentara formar uma nova vida, de cabeça erguida.

Passaram-se três ou quatro anos ela caíra enferma, fora hospitalizada e depois ficara sob os cuidados da mãe, em Sanga Puitã, no lado paraguaio. Morrera em casa na madrugada de um sábado. Fora sepultada no cemitério daquela cidade fronteiriça. Os parentes passaram a tomar conta das filhas.

XX

Parece que *Azrael*, o anjo da morte, tinha montado acampamento na Rua Iracema naquele ano de 1995. Quatro meses depois do episódio do Simão, exatamente no dia 20 de outubro, dois irmãos, um com 19 e outro com 22 anos, filhos do Benê e da dona Jussara, foram barbaramente assassinados.

A autoria fora atribuída a uma falange, uma célula macabra instalada naqueles idos em Dourados: a agência de pistolagem formada em sua maioria por policiais militares, justamente por homens encarregados de proteger a vida dos cidadãos, além de criminosos civis a serviço de máfia ou de quem quisesse encomendar um crime.

O noticiário informara que os rapazes foram impiedosamente torturados antes de serem mortos. Os pais, pessoas decentes, ordeiras e trabalhadoras; os jovens, boa gente, conhecidos de todos na rua. Tinham uma legião de amigos e conhecidos.

Não se tinha notícia de estarem envolvidos em atos de delinquência ou algo do gênero, razão pela qual o bárbaro crime não só despertou um sentimento de forte comoção como causou revolta e um questionamento muito grande sobre as prováveis causas e autoria.

²⁷ Na tradução do Latim: "Na Amizade".

Não havia nexos plausíveis para uma punição tão impiedosa.

A julgar pelas evidências no calor dos fatos eles foram vítimas inocentes de uma brutal trama, de uma emboscada.

No entanto, não dava para entender um fato assim dentro do juízo normal...

Os corpos foram localizados numa área rural, depois de horas de buscas e desespero da família sem saber o que havia acontecido.

O carro deles fora encontrado abandonado em um bairro não tão distante de suas casas. A partir daí espalhou-se a notícia do desaparecimento e a polícia entrou no caso.

Se para os amigos era difícil entender o ocorrido, esse fato lamentável deixou a família sem chão, principalmente para a dona Jussara, sempre zelosa e amorosa com os filhos.

Só Deus mesmo, em sua infinita compaixão, poderia dar forças sobre-humanas naquele momento para a família...

A dor era visivelmente imensa, tinha o peso de um tsunami devastador. Por ironia macabra do destino o assassinato dos filhos coincidia com o dia do aniversário da mãe...

Esse fato teve grande repercussão na mídia, muito mais que a morte do Simão, pois, o veterano Mosqueteiro era pouco conhecido.

Os pais dos jovens, ao contrário, eram populares.

O Benê mais ainda por causa da sua atuação política.

O velório acontecera na casa deles; uma multidão tomara a rua se revezando no entrar e sair da pequena sala da residência. Curiosos surgiram de todo lado.

O drama da família fora indescritível, não houvera quem não se emocionasse e não tivesse se abalado. Não havia quem não chorasse...

Os garotos cresceram na Rua Iracema correndo e jogando bola na inocência e pureza da infância; passaram a adolescência e, de repente, jovens adultos estirados em caixões...

Um deles, o mais moço, era aquele divertido guri que jogava o tênis molhado pela janela do quartinho na casa do Lúcio...

Esse mesmo rapaz um dia ficara faceiro porque ganhara do tio um peixe Dourado para vender e fazer algum trocado para si. A primeira pessoa que ele viera oferecer fora para a Laura que prontamente comprara. Afinal, não era todo dia que aparecia alguém oferecendo um peixe daqueles na porta de casa...

O Benê, justiça seja feita, sempre fora prestativo não só com os vizinhos, mas com todo mundo que o procurava pedindo ajuda de todo tipo.

Se estivesse ao seu alcance, ele ajudava sem reclamar. Não sabia falar não. Era solidário por natureza. Coração bondoso.

Lúcio e a Laura eram testemunhas disso. Numa noite o filho mais novo escorregara no banheiro batendo a testa no rodapé, abrindo um corte sangrento.

Lúcio estava, para variar, no trabalho e lá fora o Benê levar correndo o garoto para o hospital...

A dona Jussara, querida na rua, uma pessoa meiga, de fala doce, compreensiva.

Quão amargurado não ficara o coração dessa mãe vendo seus filhos ali, mortos, sem que ela pudesse fazer mais nada para salvá-los e devolvê-los à vida, a não ser chorar, chorar...

Gerados dentro do seu ventre, criados com cuidado e cercados de carinho, de amor, orientados, encaminhados para a vida e agora, ali, silenciados precocemente para a eternidade...

A quadra virou um luto só.

A irmã mais nova dos dois jovens era uma criança com olhos de jabuticaba assustada com tudo aquilo.

Dona Jussara ficara debruçada o tempo todo sobre os caixões com o olhar fixo no rosto dos filhos, aparentemente sem lágrimas depois de algum tempo e numa profunda angústia em meio ao tumulto e aquele diz-que-diz-que desrespeitoso dos xeretas diante da aflição da família, aquele entra e sai da casa...

Talvez aquela multidão tivesse tornado, sem querer, o ambiente ainda mais difícil e pesado. Mas como conter a curiosidade do povo, o grande número de amigos e conhecidos desejando compartilhar aqueles momentos de dor e ser solidário?

O que poderia servir de consolo para os pais?

Pais com os corações despedaçados...

Ver um filho morto, que dirá dois, talvez seja o pior pesadelo para um pai ou para uma mãe.

Foge a ordem natural da vida, ou seja, os filhos enterrando os pais e não o contrário.

Por que a vida pode ser tão cruel?

Todos sofrem em menor ou maior grau, mas certamente há pessoas em determinados momentos enfrentando um verdadeiro

inferno em vida... Talvez fosse o caso. A profunda mutilação familiar provocara um estado de torpor.

Uma ferida enorme, um nó entre duas linhas do tempo...

Se fosse possível retroceder, atrasar o relógio e evitar as tragédias sobre quem se ama...

XXI

Houvera uma família ruidosa e com ela Lúcio e Laura quase não tivera contato, mesmo porque se mudara a recém do outro lado da rua. Era uma senhora de meia idade com os filhos e outros parentes residindo sob o mesmo teto.

Durante um final de tarde ouviu-se uma gritaria dentro da casa e depois a notícia correndo como rastilho de pólvora: a senhora que era mãe e pai ao mesmo tempo e provedora do lar tivera um infarto fulminante. Era uma mulher aparentemente forte, alta, tipo sulista, mas fumava e bebia bastante.

O velório rolara noite adentro. Algum tempo depois todos se mudaram daquela casa.

XXII

Outro fato marcante envolvia a família da dona Débora, uma gaúcha simpática, sorridente e igualmente prestativa que tinha uma dádiva: a sensibilidade. Interpretava sonhos, tinha o dom de José do Egito, o filho predileto de Jacó. Benzia crianças, adultos e oferecia consultas espirituais. Ela era bem discreta, mas tinha seu séquito.

Só fazia o bem.

Um dos filhos morava na edícula dos fundos. O marido dela trabalhava como vigia noturno numa firma perto do bairro. Era construtor, mas naquele tempo o trabalho na construção civil estava fraco.

Numa noite dois assaltantes entraram na empresa e mataram a tiros o vigia dentro da guarita, sem chance para defesa. Ele sequer tinha revólver. Uma crueldade...

Dois rapazes irresponsáveis que mal tinham saído das calças curtas eram os autores identificados pela polícia e presos poucas horas depois.

A família, lamentavelmente, ficara com o ônus do luto, da perda, da saudade; a família sem seu principal provedor, os filhos sem o genitor e a esposa inesperadamente viúva...

Lúcio tivera a oportunidade de conhecer de perto a força da dona Débora em se tratando de sensibilidade.

O Flávio, um dos amigos da casa, farmacêutico e ator de teatro, havia morrido em circunstâncias estranhas, de forma inesperada, depois de alguns dias internado com um quadro de pneumonia classificado pelos médicos como “galopante”.

Uma foto do Flávio havia ficado na casa do Lúcio depois dela ter sido publicada no Jornal *O Progresso* com a notícia da morte. Lúcio tinha pegado essa foto na casa do Flávio levando-a ao jornal e recolhendo-a no dia seguinte. Desejava, inocentemente, ficar com ela como recordação.

A mãe do Flávio, no entanto, queria a mesma foto de volta para pô-la no túmulo, mas não tinha o endereço do Lúcio.

Não havia dito isso quando Lúcio fora buscar essa foto em questão. Flávio tinha tantas fotos...

Flávio era solteiro, morava com a irmã casada e a mãe.

Lúcio não chegara a ir ao enterro porque não ficara sabendo da morte do amigo no mesmo dia. Ele havia ido ao hospital numa sexta-feira vendo o Flávio, inconsciente, pelo vidro da UTI.

Flávio morrera no sábado seguinte. No mesmo dia a família levava o corpo para ser sepultado em Sanga Puitã, coincidentemente no mesmo cemitério onde fora enterrado tempos depois a Iara.

A família não avisara os amigos do Flávio. Certamente sequer tinha os telefones.

Lúcio ficara sabendo da morte na segunda-feira seguinte quando fora ao hospital.

Engraçado, Flávio tinha muitos amigos. Era reconhecido no meio artístico douradense. Tornara-se popular depois de atuar numa propaganda local de tevê, mas poucos frequentavam a casa dele. Havia feito também uma ponta na novela *Os Imigrantes* da Rede Bandeirantes, isso na década de 80.

O Lúcio quase toda semana ia a casa dele. Era conhecido da família.

O espírito do Flávio aparecera na casa do Lúcio de maneira assustadora.

Lúcio já tinha inclusive guardado a foto no álbum familiar.

Primeiramente o espírito aparecera em sonho. Lúcio ficara perturbado, sem entender o significado da manifestação do além ou se tudo não passava da imaginação da própria cabeça, da mente ainda impressionada e sentindo a morte do amigo. Mas aquela noite fora comprida, parecera não ter fim. Tentou lidar com o impossível.

A interferência ficava mais intensa quando Lúcio caía novamente no sono. O espírito ou sabe-se lá o que o empurrava na cama como se quisesse acordá-lo e assim se sucedeu por pelo menos três vezes ou quatro vezes.

Lúcio pegava no sono e acordava assombrado.

Levantou-se para ir ao banheiro e aí levara outro susto. A água do vaso sanitário estava vermelha, parecia sangue. Acordara a Laura para ver se ele não estaria delirando e ela também ficara intimidada. Não dormiram mais.

Na manhã seguinte, estimulada pela Laura, procurara a dona Débora. Ela ouvira atentamente a narração em silêncio e pedira um tempo para suas orações. Iria tentar uma aproximação com o espírito do Flávio. Ela se fechara no quatinho dos fundos.

À tarde chamara o Lúcio para desvendar o mistério: o espírito queria alguma coisa que lhe pertencera e estava na casa. Essa foi à interpretação. Dona Débora não disse exatamente que seria a foto, mesmo porque ela não tinha conhecimento desse retrato na casa.

Lúcio devolvera a fotografia para a mãe do Flávio quando então ela dissera que o filho estava mais bonito nessa foto do que nas outras. Por isso queria deixá-la no túmulo.

O ar sombrio rondando a casa desaparecera. A paz voltara a reinar.

Lúcio e Laura puderam então dormir o sono dos justos.

Se não fosse pela dona Débora eles provavelmente continuariam sendo importunados.

Ficariam doidos com o espírito zombeteiro...

Coisas sinistras...

Na Rua Iracema havia uma senhora, a dona Matilde, que colocava espelhos na janela da frente da casa. Ela dizia, em tom de credence e misticismo, que era para refletir e rebater o azar e o olho

gordo vindos da rua, dos vizinhos, enfim, além de repelir espíritos maus ao verem suas imagens refletidas ou então energias negativas.

Esse mesmo espelho poderia cegar quem o olhasse no momento do reflexo do Sol.

XXIII

O seu Juca merecia toda a atenção e respeito não só pela idade, mas pela meiguice. Era um amor de pessoa, recebia todos com distinção e sorriso. Tinha uma prosa que parecia música aos ouvidos. Ele já era conhecido do tio Domingos e da Amélia lá da região de Macaúba, distrito de Dourados. Ele passara a cuidar sozinho dos dois filhos ainda pequenos e a trabalhar na “fazenda maconha”.

Era engraçado ouvi-lo falar sobre essa fazenda, sempre com um tom matreiro. A propriedade passara a ser conhecida assim depois que a polícia encontrara uma plantação da droga no local, isso antes deles chegarem. Quando se instalaram a má fama do lugar já predominava.

Ocorreria então dos filhos ainda pequenos, vítimas do *bullying*, ficarem injuriados quando iam ao povoado e um ou outro menino apontar o dedo para eles chamando-os de maconheiros. Pura provocação e maldade, injustiça, coisa de moleque travesso.

Uma vez o mais velho retrucara “não sou maconheiro” e partira para cima do infeliz que o provocara dando-lhes uns corretivos.

Ganharam um pouco mais de respeito, mas eventualmente aparecia um engraçadinho para alimentar a troça...

Ambos cresceram tendo ojeriza às drogas, mas independente disso tiveram uma boa criação em casa, fundamental para forjar o caráter, além da formação religiosa. Seu Juca era doce e educado, mas soube impor educação aos filhos.

O seu Juca sempre compartilhava as festinhas. Por ser o mais velho era um conselheiro natural, indispensável nos churrascos. Era a voz da experiência mais próxima. Ele tomava, de leve, uma cervejinha e gostava de uísque, mas uma dose apenas por causa da idade. Tinha uma mão boa para o fogão, habilidade transferida aos filhos. Cozinhas um arroz soltinho e delicioso usando banha de porco.

O Renato em determinado período melhorara de vida, construíra uma casa mais confortável em outra parte da cidade e o levara junto.

O Fernando ajuntara os trapos com a Áurea e mudara-se para a casa dela em outra rua do bairro.

O seu Juca morrera com 86 anos no dia 28 de abril de 2008, no mesmo mês e ano do tio Domingos, depois de enfrentar exaustivamente um câncer.

Fora doloroso ver o Fernando sofrendo a morte do pai, se desmanchando em lágrimas e numa tristeza profunda, angustiante.

O Renato parecera mais forte naquele dia, conformado com a situação irremediável, embora igualmente emocionado.

Quando doente, preso a uma cama, Lúcio levava para o seu Juca ouvir a gravação da conferência do proeminente médico e professor brasileiro Liberato Di Dio sobre o tema *O Encanto do Envelhecimento*.

XXIV

Como se não bastasse o pampeiro promovido pelos Três Mosqueteiros e seus agregados havia também os amigos que vinham à Rua Iracema nos finais de semana, independente de haver ou não alguma festa programada. Normalmente todos se dirigiam ruidosos para a varanda do Baco²⁸, ou seja, para a mercearia do seu Domingos.

Duas visitas frequentes, isso logo no começo dos anos 80, eram a irmã da Laura, a Márcia, com o marido dela, o Beto. Eles deram apoio moral naquele início e havia uma química legal. Um dos locais que os quatro gostavam de frequentar no bairro à noite era uma lanchonete com quiosques que existia em frente da caixa d'água. Pouco tempo depois Márcia morrera inesperadamente por complicações de saúde. Episódio terrível, inesquecível para a família. Ela era mais nova do que a Laura e deixou dois filhos pequenos.

Os mais assíduos na casa do Lúcio eram o JS, o Miguel e o Flávio, cada qual com sua irreverência.

²⁸ Deus do vinho.

O Flávio era o mais politizado, marxista filiado ao PT no tempo em que o partido em Dourados tinha poucos adeptos e fazia comícios em cima de caixas de madeira.

Ele orientara o Lúcio a ser menos ingênuo na política, a entender melhor os meandros desse labirinto perverso com prós e contras.

Uma ciência com várias possibilidades: malandragem, traição, corrupção, alianças escusas e pessoais, esperteza, além de ambiente fértil para o ajuntamento de aproveitadores, incompetentes, bajuladores e ludibriadores.

Mas, num contexto positivo, um campo fecundo para a boa política.

Quanta festa... Conversa... Troça... Divertimento... Garrafa de cerveja...

Tempo bom demais, parece que não existira dificuldade ou crise econômica que pudesse inibir a empolgação.

O dólar estava caro, desce uma cerveja...

O desemprego estava em alta ou em baixa, desce outra...

Corações de criança e um diabinho no corpo!

Povo terrível na arte da diversão, car@ leit@r, ô se fora...

Mas no bom sentido, nada ilícito ou indecente.

Bêbados bem comportados...

O Flávio partira deste mundo muito cedo, aos 32 anos. A empregada da casa do dele ligara para o Lúcio dizendo da internação.

No mesmo dia Lúcio fora visitá-lo no hospital e ocorrera uma situação curiosa. Ele batera sutilmente na porta quarto. Ninguém respondera.

Abrira-a e avistou-o dormindo. A tia dele dormia no sofá.

Pensou então em voltar depois.

Ao sair sem fazer barulho para não acordá-los, um vento tomou-lhe a maçaneta das mãos e a porta bateu forte.

Lúcio entendeu isso como um aviso para não ir embora.

Abriu novamente a porta. A batida acordou-os.

Fora a última vez que conversou com o Flávio.

Ele estava sorridente como de costume, nem parecia doente.

Naquele sábado, dia da morte do Flávio, os amigos apareceram na casa do Lúcio.

O filho mais jovem do Lúcio se enfiara debaixo dos bancos do fusca e pegara um cartão de visitas do Flávio caído ali há dias.

Seria mais um aviso?

Passaram então a falar sobre o amigo sem saber que o mesmo já tinha morrido.

Alguns meses antes Flávio vendera a farmácia, patrimônio acumulado ao longo de anos de trabalho, e viajara para Portugal. Torrara toda a grana.

Um mês ou pouco mais depois retornara e fora trabalhar como empregado numa distribuidora de alimentos.

Às vezes Lúcio tinha a sensação que o Flávio sabia que ia morrer logo porque se desapegara rapidamente das coisas materiais.

XXV

Na mesma quadra por algum tempo morou um casal de velhos paraguaios. Viviam travando o dialeto guarani que ninguém por ali entendia. Com os vizinhos conversavam, obviamente, o português, mas quando não queriam ser compreendidos recorriam à língua pátria.

Era engraçado e curioso ao mesmo tempo. Havia uma dinâmica peculiar quando “rasgavam” o guarani, um trejeito, uma entoação, uma característica, aumentando e baixando o tom da fala como numa montanha russa.

Eles gostavam de ouvir Emiliano Rivarola Fernandez, famoso poeta e músico paraguaio cujas canções para os ouvidos dos moradores da Rua Iracema eram arte desconhecida.

Volta e meia o velho dizia em voz alta: *mba'e*²⁹, *ate'p*³⁰ e *ova vaikue*³¹.

De bom humor chamava o morador ao lado, em tom de *oryai*³², de o *katy rai'i oiko va'e*³³.

O cidadão podia achar que estava sendo insultado, mas não.

Ou então apenas de *nhande va'e*³⁴.

²⁹ Que seja, talvez seja.

³⁰ Preguiça.

³¹ Rosto feio.

³² Gracejo.

³³ Vizinho.

³⁴ Pessoa.

Era comum vê-los fazendo uma divertida mistura macarrônica entre o português e o guarani...

A mulher pedia em português para o velho ir à mercearia comprar coisas para a casa, mas relacionava a compra do guarani: *petb*³⁵, *avaxi ku*³⁶ e *narã*³⁷ ...

E não se esquecer da *iro va*³⁸ porque queria *ka*³⁹...

Os Três Mosqueteiros se divertiam com eles.

Era um *anhete rupi e*⁴⁰ e *anhete rupi*⁴¹ que não acaba mais.

E se desmanchavam em *puka*⁴²...

XXVI

A antiga mercearia do seu Domingos deu lugar à conveniência do seu Horácio. A rapaziada que aparece para bebericar à tarde é outra, mas não menos animada. O voo das maritacas permanece alegre e divertido, apenas em menor número.

O seu Horácio mantém o mesmo expediente, fechando no começo da noite para abrir às 5h para receber o padeiro. O lugar tem freguesia cativa, mas ele está prestes a se aposentar e não se sabe o que vai virar do lugar.

Lúcio fizera novos amigos e outros que não eram tão chegados acabaram ficando próximos entre um gole e outro de cerveja. O ambiente continua servindo como uma clínica aberta para aliviar o estresse, o tédio, e a gozação corre solta. Os desejosos para colocar o papo em dia comparecem. Boa prosa, informações genéricas e piadas são garantidas.

O Jânio, mais discreto, quer ser piloto de avião e estuda afoitamente; o Guerreiro é empresário e o Cássio trabalha em serviços

³⁵ Fumo.

³⁶ Farinha de milho.

³⁷ Laranja.

³⁸ Bebida alcoólica.

³⁹ Embriagar-se.

⁴⁰ Por motivo errado.

⁴¹ Por motivo verdadeiro.

⁴² Rir.

de manutenção na parte de abastecimento em aeroportos e vive viajando. Quando chega narra alegremente suas aventuras.

Depois de umas e outras um sempre acha um jeito de zoar a cabeça do outro. Uma vez a conversa enverou-se para um determinado rumo quando Cássio disse que nunca havia tomado uma injeção na vida... Foi à deixa para perguntarem:

- Nem na bunda? – e todos deram uma boa gargalhada maliciosa...

Cássio usava ditos populares para se expressar, do tipo “consertar relógio com luva de box e ainda assim debaixo d’água” e “só voava na corrente do ar”...

Diferentemente do seu Domingos, o seu Horácio gosta de uma cervejinha. Pouco antes de fechar ele diz que vai fazer a unha e abre uma latinha.

Para quem não sabe fazer a unha é o modo divertido de ele dizer que vai tomar uma latinha de Brahma.

Malandros não aparecem. Caras estranhas e suspeitas deixam seu Horácio de orelha em pé.

Teve um dia em que Lúcio e o Guerreiro foram pescar no Rio Dourados – a pescaria fora combinada na noite anterior na mercearia. O Guerreiro faz jus ao nome: tem uma força física excepcional.

Sozinho conseguiu tirar e por o barco de cima do caminho ¾, embora ele tivesse jeito para a coisa. Lúcio, com pouco condicionamento físico, ajudou pouco nessa hora, ainda mais com o barranco escorregadio.

Foi um dia dedicado mais a bebericar e conversar do que a pescar. O rio estava fraco para peixe e o Lúcio sofria vertigem dentro do barco.

Preferira ficar no barranco. Além disso, dentro do rio fica complicado jogar fora a cerveja ingerida com tanto gosto, ainda mais com o barco balançando...

Ficou com medo de cair dentro d’água.

Levou um escorregão no barranco sujando o short.

O Guerreiro aproveitou, sem que o Lúcio visse, para tirar uma foto da bunda suja para mostrar depois na mercearia...

Guerreiro conseguiu pegar um peixinho e o Lúcio usou o zoom da máquina para aproximar a imagem.

Quem não prestasse atenção no anzol desproporcional podia acreditar que era um peixão...

Em outra aventura viajaram para Rio Branco (AC). Lúcio por conta de uma agenda profissional e o Guerreiro para ver a irmã. A viagem também foi amarrada no boteco... No aeroporto JK, em Brasília, enfrentando uma fila enorme para o check-in, Lúcio, angustiado com a demora, provocou o Guerreiro a contar umas piadas para passar o tempo.

Não é que o homem não se fez de rogado e começou mesmo a contar piada no meio da fila?

Os dois riam enquanto outros olhavam desconfiados, pois, o ambiente era mais de choro e aversão...

Se fosse escrito um diário nessa mercearia daria tanto pano para manga...

XXVI

Logo quando Lúcio se mudara trouxera um pé de Sete Copas já crescido. Não demorara a virar árvore frondosa e a fazer uma boa sombra na frente da casa.

Laura chiava barbaridade quando as folhas secavam e caíam sobre a calçada e a rua porque ela se achava na obrigação de varrer tudo e colocar a sujeira num saco.

Lúcio até achava bonita a calçada coberta pela folhagem, mas ela não. Reclamava ainda dos mandarovás venenosos.

O filho mais novo, já adulto, esbarrara-se acidentalmente num deles no portão e tivera queimadura e febre. A patroa decretara então, mesmo diante dos protestos veementes, o fim da árvore. Mandara plantar outra no lugar do tamanho de um braço.

Adeus à sombra...

As árvores floresceram por toda a Rua Iracema, aliás, por todo o bairro. Quem o avista vindo pela BR-463 não enxerga quase casas ou ruas porque as árvores cobriram praticamente todo o bairro formando um tapete verde.

Uma visão bonita. Por conta desse verde melhorou a temperatura ambiente e a qualidade do ar.

Além da mangueira e do pé de limão, Lúcio mantinha no quintal dos fundos um pé de goiaba, um de acerola e outro de caju.

O quintal já teve maracujá, seriguela e, evidentemente, tiriricas...

Conseguiu ampliar a *Betânia*.

Dobrou o tamanho da área construída.

Mas sacrificou o pé de manga para não afetar a fundação da obra.

A última quadra da Rua Iracema não é mais a mesma.

Envelhecera, mas não perdera o viço. Deixara um legado.

Um velho bonito, interessante e intrigante.

Ainda é charmosa, misteriosa...

A maior parte das casas possui varandas e todas são muradas.

Moradores vão e vêm e poucos são das antigas.

Lúcio e outro vizinho mais acima são os mais velhos do pedaço.

Em noites frias e de nevoeiro causa medo aos transeuntes.

A iluminação não é eficiente, contribuindo para deixar o ambiente meio sombrio.

Poucos moradores ainda sentam do lado de fora da casa, na calçada, nos dias de calor.

Não tem a mesma animação dos tempos dos Três Mosqueteiros.

As relações entre os vizinhos esfriaram, mas não a cordialidade.

Também não há a mesma curiosidade sobre a coisa alheia.

E a inveja, mau-olhado, essas coisas ruins?

Deixa pra lá...

Melhor nem pensar, perdoar e manter uma atitude e um pensamento positivos.

Mas é preciso orar sempre para se proteger contra a energia negativa.

Crer em Deus senão o espírito fica enfraquecido.

A fofoca perdeu a força.

Quem sabe migrara para as redes sociais ou fora-se com aqueles que se mudaram.

Ainda há um fuxico aqui e outro acolá, o que é inevitável, uma janela indiscreta, mas não como dantes.

Até o número de crianças é menor.

A menina do Benê, aquela com os olhos de jabuticaba, agora casada, teve uma filha com os mesmos olhos de jabuticaba.

O Benê, aposentado e alquebrado pela idade, costuma caminhar solitário e lentamente pela rua, normalmente até o ponto da esquina. Recusa carona. Prefere ir de ônibus, conversando com os conhecidos para passar o tempo.

A dona Jussara continua firme com a costura em casa.

Seu Antônio e o Ari se mudaram e não deram mais notícias, assim como o Alimério.

O tempo se encarregou de fazer as mudanças, enterrou muitas lembranças...

O tempo é uma espécie de ladrão. Um dia se tem uma coisa e no outro não se a tem mais. Mas ele também se apaixona por algumas pessoas deixando-as belas longevas, divertidas, com os mesmos truques de simpatia.

Evidentemente que há novos vizinhos camaradas, mas o passado deixou um encanto maior e marcou uma época.

Teve um que gostava de escutar vaquejada e uma senhora que tentou destruir a própria casa. Inadimplente com as prestações perdeu o imóvel em leilão e não queria admitir a entrega compulsória do único teto para morar. Depois de tentar quebrar as paredes de concreto internas pôs fogo na cozinha.

Os bombeiros foram rápidos e evitaram um prejuízo maior, pois, se o fogo se alastrasse destruiria as casas vizinhas, inclusive a do Lúcio...

Novos vizinhos, novas caras, novos pensamentos...

Mas quantas e quantas faces já não passaram por essa rua?...

Centenas, certamente.

Incrível como num lugar tão pequeno tenha morado tanta gente...

O vizinho do lado de baixo, espírito samaritano, resolvera fazer um condomínio para gerar três aluguéis, mas não deve ter calculado bem a possibilidade de conflitos.

Dias desses a inquilina dos fundos ligou o som alto às 5h40 e manteve a barulheira até por volta das 13h quando alguém não aguentou mais e acionou a polícia.

Uma guarnição esteve no local e advertiu-a.

Assim que os policiais saíram ela aumentou ainda mais o volume.

Não demorou 30 minutos os policiais retornaram flagrando o delito.

A mulher foi parar na delegacia.

Mais um fato pitoresco de um bairro suburbano...

Agora pelo menos reina um silêncio respeitoso.

Dos dois filhos do Lúcio, apenas um mora na *Betânia*. O primogênito tem sua própria família. Mas eles costumam se juntar na maior parte dos domingos.

O primogênito, quando adolescente, conheceu uma garota mais nova morando há pouco tempo na mesma quadra e desse namoro nasceu uma filha.

Lúcio, de cabelos esbranquiçados, cumpre meio expediente no serviço e trabalha à tarde em casa com a cabeça cheia de “colesterol” emocional.

Tem mais tempo para a erudição e elucubrações.

Laura faz parte da coordenação em uma escola.

O amor dos dois pode não ter a mesma energia, mas mesmo depois de altos e baixos, das turras para quebrar a rotina, eles continuam afinados.

Laura pega no pé do Lúcio quando ele sai para bebericar. Reclama muito por ficar sozinha. Diz que se sente viúva de marido vivo.

O que mantém Lúcio e Laura juntos?

Se não é amor, o que será então? Vício de viver a dois?

Pode não existir o mesmo fogo do início, a mesma explosão hormonal, a mesma textura da mexerica de dois gomos, mas...

A paixão tem suas fases, umas adocicadas e outras nem tanto.

O amor não se impõe; ele nasce, acontece, floresce, amadurece, envelhece e um dia, como o ciclo da vida, vira romance.

Diferentemente da carne, não é devorado pelos vermes.

Será que depois das bodas de pérolas ainda pode existir alguma dúvida?

@s car@s leit@res querem continuar apostando?